

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

LARISSA DE SOUZA VIANA

***Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar: Um estudo
variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba***

VITÓRIA
2023

***Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar: Um estudo
variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch.

VITÓRIA

2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

Viana, Larissa de Souza, 1998-

Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar: Um estudo variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba /

Larissa de Souza Viana. - 2023.

107 f. : il.

Orientadora: Leila Maria Tesch.

Tese (Mestrado em Linguística) -

Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Língua portuguesa - Sentenças. 2. Língua portuguesa - Verbos. 3. Língua portuguesa - Português falado. 4. Sociolinguística. 5. Entrevistas. I. Tesch, Leila Maria. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título

CDU: 80

LARISSA DE SOUZA VIANA

***Se essa rua for minha, eu mando ladrilhar: Um estudo
variacionista de sentenças condicionais na fala capixaba***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 27 de Julho de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Leila Maria Tesch
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora e Presidente da Comissão

Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Interna

Prof.^a Dr.^a Sílvia Maria Brandão
(Secretaria Municipal de Educação de
Inconfidentes/MG)
Examinadora Externa

Prof.^a Dr.^a Gesieny Laurett Neves Damasceno
Universidade Federal do Espírito Santo
Examinadora Suplente Interna

Prof.^a Dr.^a Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista
Examinadora Suplente Externa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
LEILA MARIA TESCH - SIAPE 2859620
Departamento de Linguas e Letras - DLL/CCHN
Em 06/09/2023 às 11:02

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/789987?tipoArquivo=O>



Documento assinado digitalmente

AMANDA HEIDERICH MARCHON

Data: 06/09/2023 10:34:20-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Em memória dos
meus pais, Maria e
Atáides.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até aqui, não foi trilhado de maneira só. Meu coração se enche de gratidão ao lembrar das pessoas que, de algum modo, me ajudaram ao longo dessa jornada. Sempre pensei que, para se fazer pesquisa, precisamos do outro e, por isso, deixo registrado os meus sinceros agradecimentos aos que não soltaram a minha mão e que me proporcionaram uma caminhada mais feliz.

Agradeço ao Eterno, por ser a luz que ilumina os meus caminhos. Como sou grata a Deus por ter me sustentado até aqui. Por meio de minha fé, sinto a sua presença em meu coração e isso me dá a força que eu preciso para continuar. Deus é amor, e esse amor me acalma, me fornece ânimo e preenche de alegria a minha vida.

Agradeço à Leila, minha orientadora de pesquisa (e de vida). Que privilégio ter sido guiada nessa jornada por uma pessoa com tamanha sensibilidade humana. Gratidão pela nossa parceria, por todos os momentos que me amparou e me ajudou a voltar para o melhor caminho. Em muitos encontros com a Leila, tinha a sensação de estar indo de volta para a superfície do mar, podendo finalmente respirar, depois um longo mergulho. Suas palavras me proporcionavam a calma e o fôlego que eu precisava. Grata por ela ser tão gentil e bondosa, por ser exatamente do jeitinho que ela é.

Agradeço ao Thiago, meu amor. Palavras não são suficientes para agradecer toda a sua ajuda nessa jornada. Sempre disposto para o que eu precisasse, ainda que muitas vezes não compreendesse tudo o que eu estava estudando. Essa pesquisa também não poderia ter sido feita sem a contribuição dele. Agradeço por ele me ajudar nesse caminho acadêmico e, principalmente, sou grata por trilharmos, juntos, a trilha da vida. A ele, toda a minha gratidão e o meu amor.

Agradeço à Sônia e ao César que sempre estiveram prontos para me ajudar, no que fosse necessário. Também aos meus irmãos Tony, Julia e Vinícius. Grata à Thamires e ao Edí, pelo apoio e por terem estendido as mãos em todo momento que precisei, serei eternamente grata. Também agradeço à Lourdes e ao Paulo, por sempre terem me incentivado quaisquer fossem meus objetivos.

Agradecimento especial ao Abraão, meu grande amigo. Que alegria a minha por ter caminhado, juntos, esse percurso do Mestrado. O apoio que ele meu deu, durante todo

esse tempo, foi imprescindível, trazendo a leveza necessária em dias que eu tanto precisava. Seus conselhos e a energia boa que sempre passou, foram combustíveis para que eu pudesse seguir em frente. Sou muito grata de ter conhecido uma pessoa tão incrível.

Agradeço as minhas queridas amigas Fernanda e Monick. Pela amizade que começou ainda na graduação. Desde de lá, compartilhamos os nossos sonhos, vivemos grandes experiências juntas e compartilhamos nossos desafios pessoais, sempre nos ajudando e fortalecendo umas as outras. Ser amiga delas é muito especial e sei que estaremos sempre unidas, desbravando os próximos capítulos dessa novela chamada vida.

Agradeço a Fabiana. Ainda que com a distância física, se manteve presente como pôde. A trajetória dela me inspira e sou muito grata pela sua amizade.

Agradeço também as professoras Amanda e Sílvia, por terem participado na minha banca de Qualificação. Sou muito agradecida pelas grandes contribuições que elas fizeram para esta pesquisa. Grata também pelas trocas de e-mails, em que sempre pude contar com a ajuda delas. Sempre tão solícitas, são profissionais que tenho a mais profunda admiração.

Gratidão ao PortVix, por todas as contribuições de meus colegas do grupo de pesquisa. Desde o início, fui muito bem recebida. É um grupo acolhedor, do qual tenho orgulho em fazer parte.

Agradeço, por fim, ao apoio financeiro concedido pela FAPES que viabilizou esta pesquisa.

Se essa rua
Se essa rua **fosse** minha
Eu **mandava**
Eu **mandava** ladrilhar
Com pedrinhas
Com pedrinhas de brilhante
Para o meu
Para o meu amor passar
[..]
(**Cantiga Popular**)

RESUMO

Este estudo objetiva, de modo geral, investigar as combinações modo-temporais que acontecem por meio das articulações das formas verbais na condicional/prótase e nuclear/apódose de sentenças condicionais iniciadas por *se* no contexto da potencialidade na fala da cidade de Vitória/ES. Ancorando-se, principalmente, na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). A partir do *corpus* do banco de dados do projeto *O português falado na cidade de Vitória/ES*, analisamos as três combinações modo-temporais mais frequentes nos dados de sentenças condicionais potenciais, que correspondem ao: Futuro do subjuntivo + presente do indicativo (*se souberem de um caso assim, eles encaminham, assim, pra... pra outros lugares, entendeu?*); presente do indicativo + presente do indicativo (*se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...*) e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico (*se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade com certeza né*). Averiguaram-se os grupos de fatores: posição das sentenças; faixa etária; sexo e escolaridade, em relação às combinações modo-temporais coletadas. O programa estatístico escolhido para as análises foi o *GoldVarb X*. Na distribuição das combinações mais frequentes em relação ao fator posição das sentenças, a posição anteposta (*se* + condicional+ nuclear) foi a mais utilizada independentemente das três combinações modo-temporais escolhidas. O uso da posição posposta (nuclear + *se* + condicional) foi favorecida quando o falante usou a combinação presente do indicativo + presente do indicativo. O resultado foi ao contrário quando analisamos a combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo. Nesse caso, a ordem anteposta favoreceu o uso dessa combinação, enquanto a ordem inversa a inibiu. A temporalidade foi o segundo fator linguístico com o maior grau de significância no uso das variantes. As sentenças nucleares/apódose com o presente de indicativo, foram as mais frequentes no uso da atemporalidade. Nesses casos de atemporalidade, a predominância foi em sentenças que possuem o presente do indicativo na nuclear/apódose da sentença. Destacamos, também, que o grupo dos idosos foi o único que inibiu o uso da combinação modo-temporal com a perífrase na apódose.

Palavras-chave: Sentença condicional. Combinação modo-temporal. Alternância verbal.

ABSTRACT

This study aims, in general, to investigate the mode-temporal combinations that occur through the articulations of verbal forms in the conditional/prothesis and nuclear/after conditional sentences initiated by *if* in the context of potentiality in the speech of the city of Vitória/ES. Anchoring itself mainly in the Variationist Sociolinguistics (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). From the *corpus* of the *Portuguese spoken in the city of Vitória/ES* project database, we analyzed the three most frequent time-mode combinations in the data of potential conditional sentences, which correspond to: Future of the subjunctive + present of the indicative (*if they know of such a case, they forward, thus, to... to other places, understood?*); present indicative + present indicative (*if my mother does not know I ask my father...*) and future subjunctive + future periphrastic (*if I avoid eating candy I will feel like for sure right*). We investigated the groups of factors: position of sentences; age group; sex and schooling, in relation to the time-mode combinations collected. The statistical program chosen for the analyses was *GoldVarb X*. In the distribution of the most frequent combinations in relation to the factor position of the sentences, the foreground position (if + conditional + nuclear) was the most used independent of the three chosen time-mode. The use of the postposed position (nuclear + if + conditional) was favored when the speaker used the present combination of the indicative + present of the indicative. The result was the opposite when we analyzed the future combination of the subjunctive + present of the indicative. In this case, the previous order favored the use of this combination, while the reverse order inhibited it. Temporality was the second linguistic factor with the highest degree of significance in the use of the variants. Nuclear sentences/apodosis with the present indicative were the most frequent in the use of timelessness. In these cases of timelessness, the predominance was in sentences that have the present of the indicative in the nuclear/after the sentence. We also highlight that the elderly group was the only one that inhibited the use of the mode-temporal combination with the periphrasis in the apodosis.

Keywords: Conditional sentence. Mode-temporal combination. Verbal alternation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese de algumas pesquisas desenvolvidas acerca de sentenças condicionais no Português Brasileiro.....	20
Quadro 2 – <i>Continuum</i> das cláusulas complexas.....	30
Quadro 3: Distribuição dos conectores que introduzem sentenças de condição ao longo dos séculos XVIII a XXI.....	31
Quadro 4 - Distribuição das células sociais do banco de dados do PortVix.....	60
Quadro 5 - Sentenças condicionais que não foram consideradas no mapeamento dos dados.....	63
Quadro 6 – Classificação das sentenças potenciais para o fator linguístico definitude do sujeito...69	
Quadro 7 - Distribuição das 793 sentenças condicionais iniciadas por se em relação aos contextos do real, potencial e irreal do PortVix.....	72
Quadro 8 – Levantamento geral das combinações modo-temporais em sentenças iniciadas por se em relação aos contextos do real, potencial e irreal do PortVix.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais no PortVix.....	76
--	----

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais reais iniciadas por se do PortVix.....87
- Figura 2 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais potenciais iniciadas por se do PortVix.....87
- Figura 3 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais irrealis iniciadas por se do PortVix.....88
- Figura 4 – Representação do uso verbal na condicional/prótase em sentenças condicionais na combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo.....89
- Figura 5 - Representação do uso verbal na nuclear/apódose em sentenças condicionais na combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo.....89
- Figura 6 - Representação do uso verbal na condicional/prótase em sentenças condicionais na combinação futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....90
- Figura 7 - Representação do uso verbal na nuclear/apódose em sentenças condicionais na combinação futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....90
- Figura 8 - Representação do uso verbal na condicional/prótase em sentenças condicionais na combinação presente do indicativo + presente do indicativo.....91
- Figura 9 - Representação do uso verbal na nuclear/apódose em sentenças condicionais na combinação presente do indicativo + presente do indicativo.....91
- Figura 10 – Representação dos resultados dos dados gerais.....97

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais no PortVix.....76
- Tabela 2 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator posição/ordem das sentenças no PortVix.....77
- Tabela 3 – Influência do fator posição/ordem das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo.....78
- Tabela 4 – Influência do fator ordem das orações na escolha da combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo.....78
- Tabela 5 – Influência do fator posição/ordem das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo versus às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....79
- Tabela 6 – O fator temporalidade na escolha das combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo, futuro do subjuntivo + futuro perifrástico e presente do indicativo + presente do indicativo.....80
- Tabela 7 – Influência do fator temporalidade das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo versus às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....80
- Tabela 8 – O fator modalidade na escolha das combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo, futuro do subjuntivo + futuro perifrástico e presente do indicativo + presente do indicativo.....82

Tabela 9– Influência do fator modalidade das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo versus às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....	83
Tabela 10 – Influência do fator definitude do sujeito na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo versus às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....	84
Tabela 11 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator faixa etária.....	84
Tabela 12 – Influência do fator idade na escolha da combinação futuro do subjuntivo + futuro perifrástico.....	85
Tabela 13 – Influência do fator idade na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo.....	85
Tabela 14 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator escolaridade.....	86
Tabela 15 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator sexo.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
2 - O FENÔMENO INVESTIGADO: AS SENTENÇAS CONDICIONAIS.....	20
2.1 REVISITANDO A LITERATURA DO OBJETO DE ESTUDO.....	20
2.2 A SENTENÇA CONDICIONAL INICIADA POR SE.....	25
2.3 OS DISTINTOS USOS VERBAIS NA MARCAÇÃO DE CONDIÇÃO.....	33
2.4 A CONDIÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE POLIDEZ.....	40
2.5 UM CASO À PARTE: AS SENTENÇAS CONDICIONAIS SEM NÚCLEO.....	46
3 - APORTE TEÓRICO.....	53
3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA.....	53
3.2 ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS.....	55
4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
4.1 PROJETO <i>O PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE VITÓRIA</i>	60
4.1.2 A comunidade de fala capixaba.....	61
4.2 ALGUMAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	63
4.3 OS GRUPO DE FATORES ANALISADOS.....	64
4.3.1 Fatores linguísticos.....	64
4.3.2.1 Posição/ordem da sentença.....	64
4.3.3 Temporalidade.....	65
4.3.4 Modalidade.....	66
4.3.5 Definitude do Sujeito.....	68

4.3.2 Fatores sociais.....	70
4.3.2.1 Escolaridade.....	70
4.3.2.2 Faixa etária.....	70
4.3.2.3 Sexo.....	70
4.4 FERRAMENTA ESTATÍSTICA.....	71
5 - ANÁLISE DOS DADOS.....	72
5.1 MAPEAMENTO GERAL DOS DADOS	72
5.2 AS SENTENÇAS CONDICIONAIS POTENCIAIS.....	74
5.2.1 Fatores linguísticos.....	76
5.2.2 Fatores sociais.....	84
ENCAMINHAMENTOS FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS.....	98

INTRODUÇÃO

*E, se **quisesse** caber em uma abelha, **era** só abrir a
palavra abelha e entrar dentro dela.
Como se fosse infância da língua.*

Manoel de Barros (grifo nosso)

A expressão de uma hipótese é comumente utilizada pelos falantes a fim de se alcançar diferentes propósitos comunicativos. Por meio de uma formulação hipotética, é possível argumentar, refletir, considerar, supor, contestar, entre outras tantas intenções as quais revelam o caráter multifacetado desse fenômeno linguístico. Os diversos usos na manifestação da condicionalidade evidenciam as múltiplas possibilidades de se construir uma sentença¹ condicional, como veremos ao longo deste texto. A observação desses e de outros fatores demonstra, para além das suas características peculiares, uma necessidade de se refletir a respeito da tipologia das sentenças condicionais e da sua concretização de fato. Logo, se faz pertinente apresentar e discutir essas escolhas variáveis e lícitas em situações reais de uso.

A realização de sentenças condicionais acontece, geralmente, a partir de “um mundo possível, criado linguisticamente pelo enunciado, epistemicamente não acessível no intervalo de tempo da enunciação” (MIRA MATEUS *et al.*, 2003, p. 707). Destaca-se a tamanha diversidade e complexidade dessas sentenças em relação aos seus aspectos inerentes, como por exemplo: o uso ou não dos conectores; a posição das sentenças; os tempos e os modos verbais; a questão da modalidade e da temporalidade.

Esse tipo de sentença é um fenômeno linguístico que acontece a partir de uma interdependência semântica entre a oração condicional, conhecida também como prótase ou antecedente, e a sentença nuclear, a condicionada, intitulada também com outros nomes como apódose ou conseqüente. A estrutura é formada, de modo geral, por “[...] uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal [...]” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 601), como ilustrado a seguir:

¹ Consideramos aqui, a nomenclatura *sentença* conforme a definição de Castilho (2012) que conceitualiza o termo a partir de suas propriedades fonológicas, sintagmáticas, semânticas e pragmáticas.

²Condicional/prótase**Oração núcleo/apódose**

(1) ³*Se o homem fosse eterno...* ia chegar um ponto de você querer matar os mais velho porque... não cabe todo o mundo...

(PortVix: Homem, Ensino Superior, acima de 50 anos)

(2) *Se desse pra associar beleza com inteligência* já estaria ótimo né.

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Em ambos os exemplos, (1) e (2), nota-se o uso da conjunção considerada mais comum de marcação de condição - *se*. Trata-se, pois, de uma “[...] conjunção condicional por excelência” (ROCHA LIMA, 2011, p. 346). Temos, portanto, nessas sentenças, “[...] uma relação de condição + consequência (SE + PRÓTASE + APÓDOSE)” (OLIVEIRA, 2016, p. 19). Todavia, essa relação pode ocorrer inversamente, em uma posição conhecida como posposta ou não canônica (APÓDOSE + SE + PRÓTASE). Os termos prótase e apódose provém, de acordo com Costa (1997, p. 14), das gramáticas com influência grega.

POSIÇÃO DA SENTENÇA ANTEPOSTA (Ordem canônica)

(3) *Se eu evitar de comer doce* eu vou sentir vontade.

(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)

POSIÇÃO DA SENTENÇA POSPOSTA (Ordem não canônica)

(4) tipo assim, eu ia me sentir culpada pelo resto da vida *se ela nascer com alguma deficiência...*

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, 26 a 49 anos)

As sentenças podem ser classificadas mediante três contextos distintos: *realis*, *potentialis* e *irrealis*. Assim, na elaboração discursiva, o falante pode expressar diferentes graus de certeza ao seu enunciado. Gryner (1998, p. 146) explica que, nas condicionais reais, há a afirmação do conteúdo enunciado (5); já as potenciais não implicam a realidade nem a não realidade do conteúdo (6); por fim, as irrealis repousam na impossibilidade do acontecimento (7). Logo, quanto maior a asserção do indivíduo em relação ao que enuncia,

² No decorrer do texto, usaremos essas diferentes tipologias como sinônimos, como de fato são.

³ Em itálico, temos a condicional/prótase e, em sublinhado, destacamos a sentença núcleo/apódose.

mais real a sentença condicional seria. Por outro lado, quanto menor a crença ao que se hipotetiza, mais próximo do irreal se caracterizaria o conteúdo hipotético. Brandão (2017, p. 337) ilustra:

(5) *Se eu tenho dinheiro, compro uma ilha.* (Real)

(6) *Se eu tiver dinheiro, comprarei uma ilha.* (Potencial)

(7) *Se eu tivesse dinheiro, compraria uma ilha.* (Irreal)

Observa-se, nessas sentenças condicionais, a formação de distintas combinações verbais que ocorrem através da articulação de tempos e modos dos verbos localizados na prótase e apódose. Na hipótese enunciada em (5), temos o uso do presente do indicativo tanto na prótase (tenho) como na apódose (compro). Já no enxerto (6), o falante opta pelos futuro do subjuntivo (tiver) e futuro do presente (comprarei). Por fim, em (7), temos o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase (tivesse) e o futuro do pretérito do indicativo na apódose (compraria). Sabemos, assim, que o “[...] valor de condicionalidade, por sua vez, pode ser expresso por mais de uma forma verbal no português[...]” (FREITAG; ARAUJO, 2011, p. 201). Essa alternância verbal nesse tipo de sentença se configura como o nosso objeto de estudo e será melhor discutida ao longo do texto.

De acordo com Brandão (2018), essa classificação dos três contextos (real, potencial, irreal) não é realizada, muitas vezes, por meio de critérios congruentes, há, pois, dentre os critérios para identificar esses âmbitos, dois que comumente são escolhidos para a classificação das condicionais: um que se liga à asserção do falante ao que ele enuncia e outro em que se observa o intervalo de tempo entre a condicional e a nuclear. Para Neves (1999), em estruturas do tipo *se p, então q*, podemos diferenciar os contextos conforme a eventualidade dos eventos hipotéticos:

Se p, então q (P = Condicional/Prótase, Q = Nuclear/Apódose)

Dada a realização/a verdade de p, segue-se, necessariamente, a realização/a verdade de q (real):

(8) não... é aquela coisa bem na cara... e quem qui/ sabe?... se tá a fim de se drogar cê se droga cara...

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Dada a não-realização/ a falsidade de p, segue-se, necessariamente, a não-realização/ a falsidade de q (irreal):

- (9) *se eu ti... tivesse feito teria até orgulho em falar... mas eu não... e/ eu nunca fiz nada não na escola...*

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Dada a potencialidade de p, segue-se a eventualidade de q (eventual):

- (10) *Se a pessoa quiser mesmo ela pode até trabalhar, como já aconteceu já, a pessoa vai trabalhar fora depois volta pro presídio, né?*

(PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

No método de classificação por meio do intervalo de tempo, podem ser utilizadas as paráfrases, substituindo a partícula *se* pelo *já que*, *desde que*, *sempre que*, *se por acaso* para ver esse espaço temporal. Deste modo, a sentença real pode ser parafraseada pela expressão *já que*, em que os tempos entre a sentença condicional e a nuclear ocorrem simultaneamente. Enquanto na sentença potencial, há um intervalo temporal que indica uma noção, geralmente, de causa e consequência, sendo parafraseada pelo *por acaso*. Nas irrealis, o pressuposto pode ser mantido, mas aqui, parte-se de um enunciado não existente, tornando o conseqüente falso.

CONDICIONAL REAL

- (11) *...quem não tem pecado que atire a primeira pedra, porque *se [já que]*⁴ ninguém atirou é porque nós não somos perfeitos.*

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, 26 a 49 anos)

CONDICIONAL POTENCIAL

- (12) *se [por acaso] você quiser ganhar... um salário de professor que a gente tem aí... sete oito mil reais dez... você tem que trabalhar de manhã e de noite...*

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, acima de 50 anos)

CONDICIONAL IRREAL

- (13) *se [por acaso] ele tivesse na copa de noventa e oito a gente teria sido campeão mesmo lá... não cem por cento fisicamente mas ele no banco aquele negócio de Ronaldinho com certeza ele entraria e dava conta do recado.*

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 26 a 49 anos)

⁴ O que está entre colchetes são as paráfrases que são utilizadas para a classificação, não fazendo parte, portanto, do que o indivíduo empregou, de fato, no trecho de fala.

Enquanto a condicional real, chamada também de factual, tende a ser mais assertiva, mais afirmativa, “se [já que] ninguém atirou porque nós não somos perfeitos”, a condicional irreal (contrafactual) parte de uma negação “se ele tivesse na copa”, mas ele não esteve, é, portanto, bem menos assertiva. No meio de um imaginário *continuum*, temos as condicionais que repousam mais na eventualidade da hipótese “se você quiser ganhar um salário de professor você tem que trabalhar de manhã e de noite”. Trata-se de uma sentença condicional potencial (prováveis ou possíveis). Para Gryner (1990), essas potenciais seriam as mais frequentes na língua.

Assim sendo, o nosso objetivo geral, neste trabalho, é averiguar, por meio da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]), a alternância verbal em combinações modo-temporais que ocorre em sentenças condicionais empregadas na modalidade do potencial, encabeçadas pela partícula condicional *se* na fala da cidade de Vitória/ES, por meio da análise do banco de dados do PortVix.

Compõem os nossos objetivos específicos: 1) Analisar a influência dos grupos de fatores linguísticos (Posição das sentenças; Modalidade; Temporalidade; Definitude de sujeito) e dos fatores sociais (Sexo; Faixa etária; Escolaridade) em relação às formas verbais alternadas que formam as combinações modo-temporais em sentenças condicionais iniciadas por *se* em dados de fala da comunidade de Vitória/ES; 2) Contribuir para a descrição do Português Brasileiro.

Com base no levantamento das ocorrências e na revisão de literatura sobre o fenômeno, esperamos, dentre nossas hipóteses, um maior envelope de possibilidades de combinações modo-temporais nas sentenças categorizadas de potenciais. Dentre as variáveis analisadas, esperamos uma forte atuação da definitude de sujeito e da temporalidade no uso da combinação verbal, em que o sujeito mais definido e a presença de marcação temporal privilegiem o uso do futuro, enquanto o sujeito mais genérico e referências mais atemporais, oportuna o uso da combinação com o presente.

Mediante a revisitação de estudos já realizados, esperamos que a atemporalidade se relacione com o uso de combinações quem possuam o presente o indicativo. Já as sentenças temporais, serão mais relacionadas com os usos do futuro na sentença nuclear.

Com base em estudos como o de Brandão (2028) também esperamos que em contextos em que a apódose é obrigatória ou pré-existente (deôntica e extremo epistêmica), as formas que contém o presente do indicativo serão mais frequentes tanto na sentença condicional/prótase quanto na sentença nuclear/apódose. Por outro lado, quando houver uma

projeção de eventualidade de a apódose se realizar (possibilidade epistêmicas e possibilidade deôntica), a forma mais utilizada se produzirá com o futuro do subjuntivo.

Após esse texto introdutório, que constituiu o primeiro capítulo, teremos mais quatro capítulos e os encaminhamentos finais, como descritos a seguir:

No segundo capítulo, apresentaremos as sentenças condicionais iniciadas por - se - universo de estudo dessa pesquisa. Revisitaremos alguns trabalhos que já abordaram sobre essa temática; trataremos acerca do nosso objeto de estudo: a alternância verbal; discutiremos algumas particularidades desse tipo de sentença como o seu uso sob o âmbito pragmático e, também, sob a ótica do desgarramento e da insubordinação.

Em seguida, no terceiro capítulo, abordaremos a teoria principal que fundamenta este trabalho: A Sociolinguística Variacionista.

Já no quarto capítulo, exibiremos o *corpus* analisado que foi o pioneiro na descrição da fala capixaba: O PortVix, bem como discorreremos sobre os métodos adotados para a realização da pesquisa. Apontaremos algumas decisões metodológicas tomadas e descreveremos os fatores determinados para as análises dos dados.

Será no capítulo cinco, a descrição e análise dos dados. A partir do *corpus*, previamente apresentado, e considerando os grupos de fatores averiguados.

Nos encaminhamentos finais, sintetizaremos os nossos principais resultados obtidos por meio das análises e faremos algumas reflexões a partir do que foi exposto. Traçaremos também algumas metas futuras, já que como bem sabemos, pesquisa é, de fato, inesgotável.

2 – O FENÔMENO INVESTIGADO: AS SENTENÇAS CONDICIONAIS

*Quanto mais se conhece uma língua,
mais se pode descobrir sobre ela.*

Labov (2008 [1972])

Discorreremos, neste texto, sobre a(s) sentença(s) condicional(is) e os seus aspectos funcionais, de modo a considerar os fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos que envolvem o seu uso. Entendemos, pois, que é imprescindível que uma análise da língua em uso ultrapasse o campo da sintaxe, considerando outros aspectos para que a investigação seja tanto da *forma* como da *função*. Para a discussão, traremos enxertos de dados orais de língua em uso por meio do banco de dados do projeto *Português falado na cidade de Vitória/ES* (PortVix), sendo este o *corpus* analisado na pesquisa em tela que será melhor descrito na seção de metodologia.

2.1 REVISITANDO A LITERATURA DO OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, realizamos um levantamento de algumas pesquisas sociolinguísticas⁵ brasileiras, desenvolvidas sobre o universo das condicionais. Optamos por organizá-las em um quadro em que foi possível sintetizar esses trabalhos.

Quadro 1 - Síntese de algumas pesquisas desenvolvidas acerca de sentenças condicionais no Português Brasileiro

Autor/Pesquisador	Título do trabalho	Ano	Modalidade	Comunidade analisada	Nível
Ângela Vaz Leão	O período hipotético iniciado por se	1961	Escrita	-	Tese
Ana Lúcia dos Prazeres Costa	A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro	1997	Fala/Escrita	carioca (PEUL)	Dissertação

⁵ A temática abordada nesse estudo é de interesse de muitas áreas, inclusive fora do campo linguístico. Sumarizamos neste capítulo de revisão da literatura, alguns estudos da área da Sociolinguística, a qual é a principal fonte teórica da nossa pesquisa. Apesar disso, reiteremos que trabalhos de outras correntes como a do funcionalismo, também foram revisitados para algumas discussões realizadas durante a elaboração do texto.

Tereza Santos da Silva	Alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis	1998	Fala	paranaense, catarinense e gaúcho (VARSUL)	Dissertação
Lenara M. Karam	A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS	2000	Fala	gaúcha (VARSUL)	Dissertação
Tatiane Alves Maciel Barbosa	A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por "se" na fala Uberlandense	2005	Fala	Uberlandense	Dissertação
Flávia Maurícia Pereira de Carvalho Dias	Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/CE: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação da eventualidade em construções condicionais	2007	Fala	Fortalezense	Dissertação
Fernanda Cunha Sousa	A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na expressão da hipótese	2007	Escrita	Juiz-forano	Dissertação
Fernando Augusto de Lima Oliveira	A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos	2010	Fala	Alagoana	Dissertação
Nara Jaqueline Avelar	A expressão do condicionado contrafactual em construções se p, então q no português brasileiro	2014	Fala	Português Brasileiro	Dissertação
Aline da Silva Santos	A variação entre o futuro do pretérito e pretérito imperfeito no português falado em Feira de Santana	2014	Fala	Feirense	Dissertação
Silvia Maria Brandão	VARIAÇÃO EM FORMAS VERBAIS: um estudo sociolinguístico da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do	2015	Fala	Paulistana	TCC

	indicativo no português paulista				
Fernando Augusto de Lima Oliveira	A variação, na apódoxe, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade	2016	Fala	Alagoana	Tese
Silvia Maria Brandão	Alternância verbal em construções condicionais - um fenômeno variável?	2018	Fala	Paulistana	Dissertação
Silvia Maria Brandão	Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais: contribuições à Sociolinguística Histórica	2022	Escrita	Peças teatrais	Tese

Dentre todos esses estudos apresentados no quadro 1, descreveremos alguns deles que tangenciam o objeto de estudo da pesquisa em tela. O primeiro que destacamos é o trabalho da Vaz Leão da década de 1960. A autora discorreu acerca da sentença hipotética desde o latim até as línguas românticas contemporâneas. Sobre as condicionais iniciadas por *se*, foco de nosso estudo, Vaz Leão conseguiu desenvolver discussões a partir de uma bibliografia. Em suas conclusões, ela constatou que a sentença hipotética românica representa uma evolução do período hipotético do latim vulgar. Em estudos mais atuais, nos usos das condicionais, podem ser observados distintos modos morfossintáticos, sendo a mudança, conforme a estudiosa, subjetiva com uma “[...] maior ou menor esperança de realização” (LEÃO, 1961, p. 87).

Oliveira (2010) teve como objeto de estudo a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo na oração principal em contextos hipotéticos na fala de alagoanos. Foi constatado, em sua pesquisa, que informantes do ensino fundamental usavam mais o pretérito imperfeito enquanto os que possuíam ensino superior, o futuro do pretérito. A ordem não canônica das orações favoreceu mais o futuro do pretérito, já a canônica tendia tanto para o futuro do pretérito como para o pretérito imperfeito. Em relação ao sexo, as mulheres foram mais propensas ao uso padrão do futuro do pretérito, enquanto os homens o pretérito imperfeito. Há trabalhos que apresentam resultados nos quais as mulheres usam mais a fala considerada padrão do que os homens (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 149). Cabe investigarmos como é o comportamento dos sexos no condicionamento da alternância verbal em sentenças condicionais iniciadas por *se*.

Avelar (2014) investigou a expressão da função contrafactual em sentenças do tipo *se p, então q*, com foco no uso alternado de formas verbais. O *corpus* foi formado por amostras de fala em reportagens televisivas entre os anos de 2010 e 2013. Averiguaram-se contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam a escolha do falante pelo futuro do pretérito ou pelo pretérito imperfeito, tanto em suas formas simples quanto em locuções ou formas perifrásticas. Os resultados mostraram o uso maior de futuro do pretérito em formas simples e o pretérito imperfeito equilibrou-se entre as simples e compostas. Houve um uso maior de futuro do pretérito em detrimento do pretérito imperfeito na constituição do condicionado *contrafactual*, se adequando ao gênero investigado.

No trabalho de conclusão de curso, Brandão (2015) pesquisou o que motivava a alternância entre as formas verbais de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do

indicativo em suas formas simples e perifrásticas em apódose de sentenças condicionais iniciadas pela conjunção *se*. As amostras foram formadas por falantes do interior paulista no início do séc. XXI do banco de dados do projeto ALIP⁶. A linguista mostrou a correlação entre o fenômeno da alternância e grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso, ora de uma forma ora de outra. A sua hipótese inicial de que o pretérito imperfeito do indicativo estaria se difundindo para contextos mais formais, se confirmou em seus resultados.

A pesquisadora continuou a investigação acerca das sentenças condicionais. Seu trabalho foi bastante significativo para a discussão do fenômeno aqui estudado, propiciando alguns indícios de quais seriam os principais fatores que condicionam a variação verbal em sentenças condicionais. Para responder à pergunta que nomeou sua dissertação em 2018, *Alternância verbal em construções condicionais - um fenômeno variável?* Brandão analisou as sentenças condicionais iniciadas pela conjunção *se* na fala do projeto ALIP. Analisou três combinações modo-temporais em sentenças potenciais: futuro do subjuntivo + presente do Indicativo; futuro do subjuntivo + futuro do indicativo perifrástico; presente do indicativo + presente do indicativo. Utilizando a plataforma R⁷, notou uma forte correlação entre presente do indicativo e atemporalidade e sujeito genérico e, por outro, temporalidade e sujeito definido, associados a combinações com futuro, sobretudo o futuro do subjuntivo. A idade dos falantes se mostrou fator relevante em relação às combinações, apontando para uma possível mudança em curso.

Em sua pesquisa mais recente, Brandão (2022) fez um estudo sócio-histórico acerca da mudança no quadro verbal em sentenças condicionais encabeçadas por *se*, partindo da hipótese principal de que havia uma possível mudança em curso. A partir de um *corpus* de peças de teatro brasileiras dos séculos XIX, XX e XXI, os resultados mostraram processos paralelos de mudança em ritmos distintos. A pesquisadora identificou uma mudança vinda de baixo, no uso de combinações inovadoras mais frequentes entre personagens de classes mais baixas, nos dois tipos de condicionais investigadas (potenciais e irrealis). Em relação ao grupo de fatores, as variáveis linguísticas, como ancoragem temporal, paradigma de conjugação e semântica do verbo ocorreram de modo distinto em ambos os tipos de condicionais e, nas sentenças potenciais, houve um forte efeito lexical.

⁶ Amostra Linguística do Interior Paulista.

⁷ Ambiente de software para a realização de análises estatísticas e computações gráficas.

Apresentamos, portanto, algumas das principais pesquisas que tocam o assunto deste trabalho – a alternância verbal em sentenças condicionais. Observamos que se trata de um fenômeno já investigado por muitos pesquisadores sociolinguistas do PB e com a utilização de *corpora* compostos pela fala de diferentes variedades brasileiras. Mesmo assim, com a variedade capixaba e utilizando somente dados de sentenças condicionais encabeçadas pela conjunção *se*, só teve a sua gênese recentemente, nos trabalhos desenvolvidos em Viana (2020, 2021)⁸. Além disso, as discussões acerca deste objeto de estudo são, de fato, abundantes. A partir das análises dos dados será possível estabelecer comparações com algumas dessas pesquisas que aqui foram mencionadas.

Agora que revistamos alguns trabalhos sociolinguísticos que permeiam o tema do objeto aqui por nós investigado, vamos conhecer melhor, então, a respeito deste fenômeno, nosso universo de estudo: a sentença condicional iniciada por *se*. Começamos com a abordagem da tradição gramatical.

2.2 A SENTENÇA CONDICIONAL INICIADA POR SE

Conforme Vieira (2018, p.13), a gramática tradicional é concebida como um modelo advindo dos gregos e estabilizado pelos romanos que, a partir de sua replicação para diversas outras línguas, passou a ser respeitada e considerada como uma tradição gramatical. Em relação às sentenças condicionais, segundo Ely e Snichelotto (2020), os gramáticos tradicionais tais como Bechara (2009) e Rocha Lima (2011 [1972]), se dedicam à apresentação mais prototípica da sentença condicional no modelo *se p, [então] q*, e ainda, com o conector *se* encabeçando a sentença:

(14) *se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...*

(Portvix: Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)

Bechara (2009) considera as condicionais no interior do grupo das orações subordinadas adverbiais que são classificadas pelo gramático como: causais; comparativas; concessivas; condicionais (e hipotéticas); conformativas; consecutivas;

⁸ Subprojeto de Iniciação Científica *A condicional se na fala capixaba: um estudo variacionista da alternância verbal* e Trabalho de Conclusão de Curso *Mapeamento das formas verbais em construções condicionais na fala da cidade de Vitória/ES*.

finais; modais; proporcionais e, por fim, as temporais. Bechara (2009) define as condicionais a partir de sua relação de dependência e do seu aspecto modal, descrevendo-as como “[...] a) uma condição necessária para que se realize ou se deixe de realizar o que se declara na oração principal; b) um fato – real ou suposto – em contradição com o que se exprime na principal” (BECHARA, 2009, p. 403).

O gramático aponta, ainda, a presença marcante das condicionais na argumentação. Podemos verificar, no exemplo 15, o seu uso em uma sequência argumentativa, em que o falante defende uma possibilidade de o Brasil ter sido campeão da copa de 1998:

- (15) *Se ele tivesse na copa de noventa e oito a gente teria sido campeão mesmo lá... não cem por cento fisicamente mas ele no banco aquele negócio de Ronaldinho com certeza ele entraria e dava conta do recado.*

(Portvix: Homem, Ensino Superior, 26 a 49 anos)

Além disso, Bechara (2009, p. 605) pontua uma flutuação quanto às condicionais não apenas expressar uma condição, como podem também, por exemplo, encerrar uma ideia hipotética. No exemplo abaixo, a opinião do informante se dá por meio de uma argumentação, com uma espécie de justificativa que encerra o período de hipótese:

- (16) *se eles não conseguem resolver o problema eu acho que eles tão dando mais uma opção... pra gente tentar ajudar...*

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Rocha Lima (2011 [1972]) tal qual Bechara (2009) apresenta a sentença condicional no interior do grupo das orações adverbiais com a seguinte divisão: causais; concessivas (ou de oposição); condicionais (e hipotéticas); conformativas; comparativas; consecutivas; finais; modais; proporcionais; e temporais. Define as condicionais, assim também como Bechara (2009), a partir de sua interdependência semântica com a oração principal. Apesar disso, logo em seguida, exemplifica com casos de frases exclamativas, como *ah— se eu soubesse!...*, sem que ocorra, nesse caso, nenhum tipo de dependência para a realização hipotética.

O gramático exemplifica acerca da modalidade das condicionais, ilustrando as sentenças que ele define como um caso irrealizável que são conhecidas também como irrealis (ou contrafactuais) e aquelas definidas por Rocha Lima (2011 [1972]) como um fato possível de ocorrer chamadas também de potenciais. De modo semelhante a Bechara (2009), aponta as condicionais com frases exclamativas. Rocha Lima (2011 [1972]) também aborda sobre a forma verbal da condicional, em que alega o uso do verbo no modo subjuntivo nas orações prototípicas. As formas verbais em condicionais são focalizadas pelos gramáticos quanto a sua forma simples, não dando conta de outras tantas formas verbais que são lícitas e usadas pelos falantes ao fazerem uso dessas sentenças, por exemplo, com a forma perifrástica (ELY; SNICHELOTTO, 2020, p. 133), como no uso de *vou sentir* ilustrada a seguir:

(17) *se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade.*

(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)

Rocha Lima (2011 [1972]) argumenta, também, o legítimo uso do modo indicativo em casos de condicionais reais, ou seja, quando expressa um fato real:

(18) *Se tá pulando, brincando, é porque tem saúde...*

(PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)

Luft (2002) também identifica as sentenças condicionais como parte das orações subordinadas adverbiais, subdividindo-as em: causais; comparativas; concessivas; condicionais; conformativas; consecutivas; finais; locativas; modais; proporcionais; e temporais. Ao definir as condicionais, o gramático é sucinto: "exprimem condição" (2002, p. 87). Explica, ainda, que as condicionais desenvolvidas apresentam conectores e locuções conjuncionais no início da sentença, entre elas *se, caso, a não ser que*. Luft (2002), assim como Bechara (2009) e Rocha Lima (2011), não discute sobre a possibilidade do uso desses conectores e locuções ocorrerem tanto na forma conhecida como canônica (exemplo 25), no qual a prótase antecede a apódose, como também serem utilizados na ordem inversa, chamada de ordem não canônica (exemplo 26), como já vimos antes.

(19) *... se eu tivesse filho eu metia a mão entendeu?...*

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, acima de 50 anos)

(20) ... eu votaria pro Eduardo se fosse ele...

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

De modo geral, podemos observar que as gramáticas tradicionais abordam as sentenças condicionais em seus moldes mais prototípicos em que contém o conector *se* encabeçando a sentença, em sua ordem canônica (*se* + oração condicional + oração principal) e compondo o grupo das orações subordinadas, pela GT assim intitulada. São estabelecidas pelo viés tradicional como uma relação de dependência a partir de uma visão dicotômica – dependência e independência entre as sentenças (subordinação *versus* coordenação).

Visto a abordagem da GT sobre o fenômeno, veremos nesse momento, o tema sob a ótica da visão funcionalista.

Um aspecto bastante discutível e que influencia diretamente o estudo das sentenças condicionais é a dicotomia imposta pela gramática tradicional entre subordinação e coordenação que pode (e deve) ser repensada através das contribuições de trabalhos funcionalistas. Ao contrário da visão binária seguida pela tradição gramatical ancorada pelo que promulga a NGB, na *teoria funcionalista*, se acrescenta a noção sintática de hipotaxe (combinação de realce), juntamente com a parataxe (coordenação) e a subordinação (encaixamento), ancorando-se uma divisão tripartite para a classificação das orações. Para Hirata-Vale,

o fato de se olhar para essas construções complexas a partir de um viés discursivo acarretou ainda que a tradicional distinção entre os processos de subordinação e de coordenação de orações fosse revista, uma vez que a separação dicotômica que se propunha, por exemplo, nas gramáticas de cunho tradicional, já não mais se adequava a uma série de fatos linguísticos que passaram a ser analisados levando em conta seu uso, em situações efetivas e reais de interação social (2017, p. 83-84).

O Funcionalismo, tal qual a Sociolinguística e algumas outras subáreas da linguística, se apresenta em reação contrária àquela empregada pelo Formalismo. Os funcionalistas buscam investigar a relação entre língua e uso, considerando a linguagem como instrumento da interação entre os falantes. Pregam, pois, “[...] que a linguagem se define, essencialmente, como um instrumento de interação social, empregado por seres humanos com o objetivo primário de transmitir informação entre interlocutores reais” (PEZATTI, 2004, p. 169). E, apesar de tratarmos aqui do funcionalismo de forma

singular, na verdade temos muitos funcionalismos que, de modo geral, focam no falante como construtor do discurso.

o funcionalismo demonstrou que se pode facilmente identificar a interferência deles no sistema linguístico tanto no nível lexical, quanto no semântico e mesmo no morfossintático, criando-se novas formas de expressão, a partir das necessidades comunicativas do falante, determinadas pelo contexto (CYRANKA, 2014, p. 176).

A base norte-americana do funcionalismo estabelece a gramática e o discurso em uma relação de simbiose⁹. Assim, a gramática é modificada dentro do discurso a partir dos novos usos dos falantes, enquanto os novos e frequentes empregos do discurso vão se adentrando pouco a pouco na gramática. Logo, a gramática, para o funcionalismo, emerge a partir do uso da língua (CEZARIO; MARQUES et al., p. 46).

Vê-se, portanto, um claro contraste da visão formalista que prevê a língua dotada de autonomia e que poderia ser analisada por si mesma. A consideração da existência de um modelo com visão funcionalista da linguagem, isto é, com uma visão da linguagem como entidade não suficiente em si, leva, em primeiro lugar, à contraposição com outro modelo que, diferentemente, examina a linguagem como um objeto autônomo, investigando a estrutura linguística independente do uso (a ‘forma’ abstrata) (NEVES, 2018, p. 51).

Enquanto os estruturalistas se dedicaram, sumariamente, à *langue*, um estudo funcionalista objetiva ir além, alcançando, também, a *parole*¹⁰, para uma análise voltada para as relações e funções entre a língua e a interação entre os indivíduos, priorizando sempre o contexto em que os usos ocorrem. Caracterizam-se como pressupostos fundamentais do funcionalismo:

- a) a linguagem como uma atividade sociocultural;
- b) a estrutura serve à função cognitiva ou comunicativa;
- c) a estrutura não sendo arbitrária, motivada, icônica;
- d) mudança e variação sempre presentes;
- e) significado sendo dependente do contexto e não atômico;
- f) as categorias como não discretas;
- g) a estrutura é maleável e não rígida;

⁹ Na biologia, a simbiose pode ser considerada como uma relação harmônica e benéfica entre dois organismos cujas espécies são diferentes.

¹⁰ Para Saussure, considerado pai da linguística, a *langue* se refere às regras que são abstratas e internas ao sistema linguístico, enquanto a *parole* diz respeito a produção de significado.

- h) as gramáticas são consideradas emergentes;
- i) as regras da gramática permitem desvios

(GIVÓN, 1995 apud FURTADO DA CUNHA et al, 2003, p. 28).

Dentre todos esses itens, destacamos o (d), que se funde exatamente com o que a Sociolinguística preconiza, a presença permanente da variação e mudança, temas caros à teoria que fundamenta nosso estudo.

Pelo critério funcionalista, a oração subordinada adverbial a qual se inclui, pelos gramáticos, as sentenças condicionais, seriam um caso de hipotaxe já que “[...] não há encaixe de uma cláusula em outra, como na subordinação substantiva e adjetiva, mas uma hipotática de realce, isto é, aquela em que uma cláusula amplia outra circunstancialmente” (RODRIGUES, 2017, p. 77).

Essa reclassificação, de viés funcional, se distancia essencialmente da abordagem da gramática tradicional, doravante *GT*, ao propor um *continuum* em que a parataxe possui menor dependência¹¹ e encaixamento¹², enquanto a subordinação tem maior dependência e encaixamento. A hipotaxe estaria então, no meio do *continuum*, como proposto por Hopper e Traugott (1993):

Quadro 2 – *Continuum* das cláusulas complexas

	PARATAXE	>	HIPOTAXE	>	SUBORDINAÇÃO
[Dependência]	-		+		+
[Encaixamento]	-		-		+

Fonte: Marchon (2021, p. 406) adaptado de Hopper e Traugott (2003, p. 170)

E é no grupo da hipotaxe que estariam as orações adverbiais, logo, as sentenças condicionais, que ampliam circunstancialmente outra oração, possuem um menor grau de encaixamento entre as sentenças e um maior nível de interdependência.

Os trabalhos funcionalistas, em relação à posição em que ocorrem as condicionais, evidenciam uma preferência para o uso em sua posição inicial, principalmente por sua relação semântica entre a sentença condicional e sentença nuclear, em que “[...] a premissa normalmente vem antes da conclusão” (ROCHA; LOPES, 2009, p. 218), numa relação de causa-efeito, o que também nem sempre é

¹¹ Dependência se refere, nesse caso, aos aspectos semânticos.

¹² Encaixamento que se configura em relação aos aspectos formais.

explorado pelas gramáticas tradicionais. Outro ponto constatado foi o conector *se*, também chamado de articulador sintático, como sendo o mais comum no uso das cláusulas condicionais (FERREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 102).

O uso dos conectores das condicionais, ainda que citados nas gramáticas tradicionais, não são nelas explorados quanto às suas múltiplas funcionalidades e, assim, ocorre muitas vezes uma visão simplista a partir de exemplos que, muitas das vezes, não representam os usos reais da língua. Ao contrário, sugerem, por vezes, divisões bastante uniformes. Um caso fronteiro, por exemplo, não explorado pela GT, mas observado em trabalhos funcionalistas, é o emprego do conectivo *quando* com valor condicional. Além disso, os casos de condição sem a presença de conectores prototipicamente condicionantes também tiveram contribuições por causa da teoria funcionalista, como vemos a seguir:

- (21) não... a católica (inint) nunca fala essas coisas né... mas muita gente assim dentro da igreja:... de/ da maranata: (desse lugar assim) de rádio... né quando dá aqueles coisa a gente:... às vezes (ouve) (inint) vê falando assim umas coisas assim a gente né... tem aquela curiosidade de... de assistir porque *desde que fala em Deus... toda religião é válida né...*

(Portix: Mulher, Ensino Fundamental. Acima de 50 anos)

Além do conectivo *quando*, há muito outros que podem indicar uma sentença de condição. Mas já vimos antes que a conjunção *se* é abordada pela tradição como a mais usual e podemos atestar a sua maior frequência de uso, frente as demais conjunções de condição, já desde o século XVIII:

Quadro 3: Distribuição dos conectores que introduzem sentenças de condição ao longo dos séculos XVIII a XXI

Conector	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Séc. XXI
Se	19 68%	50 82%	14 93%	35 87,5%
Caso	6 21%	1 1,5%	1 7,0%	4 10%
Caso que	1 3,5%	-	-	-
No caso de	-	1 1,5%	-	1 2,5%
Contanto que	1 3,5%	3 5,0%	-	-
Sem	1 3,5%	3 5,0%	-	-
Sem que	-	3 5,0%	-	-
Desde que	-	2 3,0%	-	-
Total	28	61	15	40

Fonte: Braga e Paiva (2019)

Observamos desse modo, uma limitação da GT em muitos pontos importantes para a discussão das cláusulas condicionais. Ao se considerar a língua em uso, as possibilidades de criação de novas maneiras de se expressar uma condição aumentam e com elas, a necessidade de se estudá-las.

[...] ao contrário do que apresenta a maioria das Gramáticas Tradicionais, existe um grande número de orações condicionais ou formas variadas de codificar a relação de condicionalidade, que se manifestam de maneira diversa daquelas que são consideradas como prototípicas pela abordagem mais tradicional, principalmente atrelada ao uso de um determinado conectivo [...] o interessante é analisar a cláusula, ou o conjunto de cláusulas dentro de um contexto para, dessa forma, estabelecer a relação semântica existente entre uma cláusula e outra, ou mesmo, entre um parágrafo e outro (FERREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 113-114).

Sabemos que as sentenças condicionais são objeto de estudo de diversas áreas. Para além da concepção da gramática tradicional, há muitas contribuições para o seu estudo sob outras abordagens, entre elas estão as pesquisas de cunho funcionalista. A gramática funcional se imprime como uma constituição do discurso em um sistema de interação social (MARTINS, 2011, p. 29), ancorando-se em motivações semânticas e pragmáticas.

Para Furtado da Cunha,

considerar a gramática como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exhibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes (FURTADO DA CUNHA, 2018, p. 164).

Não apenas as sentenças condicionais, como as orações subordinadas em sua totalidade, são deduzidas pelos gramáticos em geral, a partir de um desempenho homogêneo, quando, na verdade, o comportamento dessas orações se dá de maneira heterogênea (RODRIGUES, 2017, p. 76). Como, por exemplo, a alternância da ordem das orações, as distintas formas verbais escolhidas e o uso de distintos conectores. Percebe-se, pois, a limitação da GT em muitos pontos importantes para a discussão das sentenças condicionais. Ao se considerar a língua em uso, as possibilidades de criação de novas maneiras de se expressar uma condição aumentam e, com elas, a necessidade de se estudá-las.

2.3 - OS DISTINTOS USOS VERBAIS NA MARCAÇÃO DE CONDIÇÃO

*No âmbito da linguagem, somos senhores do tempo, vamos e voltamos no tempo, criamos camadas e intervalos de tempo, expandimos e estreitamos o tempo a nosso bel-prazer...
Enfim, no domínio da linguagem, o tempo está em nossas mãos!*

Jussara Abraçado

O universo de estudo desse trabalho são as sentenças condicionais. Observamos que, em sua forma sintática mais prototípica, elas são formadas a partir de uma interdependência entre duas proposições, sendo comumente utilizada por nós, falantes, com diferentes objetivos. A condição pode ser abordada pelo viés cognitivo, funcional, semântico, pragmático, sintático, sendo objeto de interesse de diferentes abordagens linguísticas. Dentro desse presente estudo, o foco de investigação é a articulação de combinações modo-temporais que se formam no interior das sentenças condicionais iniciadas por se. Por isso, discutiremos a seguir sobre o “princípio” de tudo – *o verbo*.

O que é o tempo? Essa é a indagação de Jussara Abraçado (2020) que titula o capítulo principiante da sua obra¹³. Durante a leitura, nos deparamos com algumas possíveis respostas a pergunta, discutidas a partir de diferentes pontos de vistas

¹³ Intitulada *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações*.

observados pela autora, na busca de conhecer o tempo – objeto de estudo que muitos já tentaram desvendar –. Partindo da Antiguidade, o leitor é convidado a “passar” pelos estudos aristotélicos e pelo teólogo Santo Agostinho, chegando aos estudos das ciências modernas, até ao estabelecimento da noção de tempo linguístico. Segundo a autora, o tempo linguístico toma como referência o momento de fala, o qual organiza o passado – o que vem antes, do futuro – o que vem depois. Se, por um lado, o tempo físico segue uma ideia linear, em uma única direção, o tempo linguístico se liga, sumariamente, ao presente de fala, ou seja, ao ato enunciativo do falante. Chega-se, assim, ao tempo verbal, considerado por Abraçado¹⁴, o ângulo do tempo linguístico que não se submete às leis da Física.

Givón (1995) destaca a categoria de tempo a partir do domínio funcional complexo (tempo, aspecto, modalidade), em que o tempo é colocado como um eixo articulador. Para Sônia Costa (2002), o tempo é uma categoria dêitica que é marcado por meio de lexemas, morfemas, posições dos fatos que ocorrem, sempre tomando como ponto-dêitico o seu ponto de partida. Numa espécie de “linha do tempo”, marca-se o momento enunciativo, situando o falante, por meio do ponto NUNC que significa “agora”. A linguista explica que sobre a linha demarcada, se situa o fato enunciado como sendo anterior, posterior ou mesmo de forma simultânea ao ponto – agora. Por conseguinte, o indivíduo estará, assim, “[...] atualizando a categoria linguística Tempo” (COSTA, 2002, p. 17).

NUNC

Costa (2002)

Em *Fundamentos de gramática do português*, Azeredo (2010) aponta a categoria de tempo, entre aspecto, modo, número e pessoa, como a categoria que mais se aproxima de forma objetiva do verbo, dada a sua associação que se pode realizar de maneira simples, por meio de formas verbais e do tempo cronológico (presente, passado, futuro). Segundo o gramático, o momento de enunciação -ME- é o ponto de referência principal na representação do tempo verbal.

Para Azeredo¹⁵, uma única forma verbal pode manifestar mais de uma noção

¹⁴ Ibid., p. 10.

¹⁵ Ibid. p. 129.

temporal. Isso dependerá de fatores relacionados ao contexto, dos advérbios de tempo escolhidos, da frase, entre outros. Semelhante a isso, Mário Perini (2010) aponta os tempos do passado, presente e futuro como sendo os três tempos semânticos básicos do PB. Apesar disso, reconhecendo a fluidez em seus limítrofes, admite também que estes podem ter mais de um valor semântico e invadir territórios de outros tempos. Segundo Perini (2010):

- a) O presente do indicativo pode exprimir presente, passado ou futuro;
- b) O pretérito perfeito do indicativo pode exprimir passado ou futuro;
- c) O pretérito imperfeito do indicativo pode exprimir passado;
- d) O futuro do indicativo pode exprimir futuro.

De tal modo, em relação ao tempo verbal presente, para Abraçado (2020), ele pode se referir, não apenas ao momento da fala momentânea, como também permite se referir ao passado e futuro. Já no tempo verbal passado, a autora aponta que há aspectos e modos mais habituais na expressão de tempo. Assim,

podemos os referir a eventos passados no modo *realis* (indicativo) ou *irrealis* (subjuntivo). Para falar sobre eventos passados que conceptualizamos como realizados, concluídos, utilizamos o pretérito perfeito ou o pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Para nos referirmos a eventos conceptualizados como não concluídos ou não acabados, empregamos o pretérito imperfeito. Fora do modo *realis*, no âmbito das conjecturas e hipóteses, usamos o pretérito e mais-que-perfeito do subjuntivo (ABRAÇADO, 2020, p. 90).

Ao contrário dos tempos presente e passado, o futuro, de acordo com Abraçado (2020), se liga a uma realidade no âmbito potencial, desconhecida, sendo por isso, ligada de forma intrínseca, a uma avaliação epistêmica. Há, nesse caso, distintos graus de certeza envolvidos na possível realização da situação em si.

A pesquisadora ilustra os tempos verbais de forma resumida em quadros, como posto a seguir, referentes ao tempo simples:

TEMPOS	DESINÊNCIAS MODO- TEMPORAIS (verbos regulares)	EXEMPLOS
INDICATIVO		
	Presente	
Presente	zero	falo; vendo; sigo
	Passado	
Pretérito perfeito	zero	falei; vendi; segui
Pretérito imperfeito	-va- (1ª conj.); -ia- (2ª e 3ª conj.)	falava; vendia; seguia
Pretérito mais-que-perfeito	-ra/re- (em sílaba átona)	falara; vendera; seguira
	Futuro	
Futuro do presente	-re-; -rá- (em sílaba tônica)	falarei; venderei; seguirei
Futuro do pretérito	-ria-; -rie-	falaria; venderia; seguiria

Abraçado (2020, p. 59)

SUBJUNTIVO		
	Presente	
Presente	-e- (1ª conj.); -a- (2ª e 3ª conj.)	fale; venda; siga
	Passado	
Pretérito imperfeito	-sse-	falasse; vendesse; seguisse
	Futuro	
Futuro	-r-	falar; vender; seguir

Abraçado (2020, p. 60)

E também, os tempos verbais referentes ao tempo composto:

TEMPOS	EXEMPLOS
INDICATIVO	
Passado	
Pretérito perfeito	tenho falado; tenho vendido; tenho seguido
Pretérito mais-que-perfeito	tinha falado; tinha vendido; tinha seguido

Abraçado (2020, p. 60)

Futuro	
Futuro do presente	terei falado; terei vendido; terei seguido
Futuro do pretérito	teria falado; teria vendido; teria seguido
SUBJUNTIVO	
Passado	
Pretérito perfeito	tenha falado; tenha vendido; tenha seguido
Pretérito mais-que-perfeito	tivesse falado; tivesse vendido; tivesse seguido
Futuro	
Futuro	tiver falado; tiver vendido; tiver seguido

Abraçado (2020, p. 61)

Para Márluce Coan *et. al* (2006), o tempo verbal pode ser considerado como uma estratégia feita para a codificação do tempo em que se exhibe uma cadeia de eventos. Ela explica que as sequências temporais, representadas por meio dos tempos verbais, podem não refletir as relações de tempos reais apesar de, geralmente, espelharem-nas. A categoria do verbo é, pois, uma das principais categorias na organização de uma sentença, logo, a seleção do verbo se torna crucial (CASTILHO, 2003).

Quanto ao aspecto verbal, segundo Azeredo refere-se, pois,

à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre. Essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta. Estas classificações, é claro, não esgotam as variações de aspecto que o processo verbal pode apresentar; servem tão só para ilustrar o conceito (AZEREDO, 2010, p. 132)

De acordo com Marcos Bagno (2012), o aspecto é um componente indispensável da semântica verbal que nos revela como o indivíduo está vendo a situação comunicativa, o estado de coisas enunciado. Se de modo unitário e finalizado (o copo quebrou) ou como um processo inacabado (o copo quebrava). Além disso, nos mostra se a ação verbal se dá de modo habitual (enquanto eu estava viajando), ou se a ação está no início ou fim, entre outras informações importantes.

Se, por um lado, o aspecto e, mais especificamente, o contraste entre perfectivo e imperfectivo permeiam as discussões sobre o passado e o presente, o modo e, em especial, a oposição entre o indicativo e o subjuntivo estão inerentemente ligados à noção de tempo futuro [...] (ABRAÇADO, 2020, p. 69)

Enquanto o aspecto se volta para a duração do que é enunciado, o modo verbal diz respeito às atitudes desse falante ao que ele, também, enuncia. Conforme Bagno (2021), o modo é uma das categorias semânticas do verbo, juntamente com o aspecto, o tempo e a voz. Na diferenciação com o aspecto, o gramático elucidada que o modo admite um conjunto de tempos, já o aspecto traduziria o que o falante faz em uma única marcação temporal.

De fato, existem muitos estudos sobre a modalidade verbal que a segmentam em alguns tipos. Para Abraçado (2020), há, no entanto, um consenso entre os pesquisadores na subdivisão entre as modalidades deôntica e epistêmica, como feito por Givón (1995).

De um lado, estão as proposições relacionadas à certeza, à verdade e à crença do indivíduo (epistêmica). Do outro lado, estão aquelas relacionadas ao desejo, intenção ou obrigação (deôntica). Para Abraçado, a modalidade se refere às atitudes do falante, em que ele pode apresentar uma atitude psíquica com relação à situação enunciativa de que está fazendo parte. O indivíduo lança mão, para isso, de diversos recursos, tais como, os advérbios, a entonação, alguns tipos de verbos, entre outras estratégias.

Por meio do uso verbal, chegamos às articulações que podem ser feitas e que acarretam a ocorrência de combinações modo-temporais. A seguir, no trecho de uma entrevista gravada, o falante lança mão da condição de modo retrospectivo para explicar a questão do transporte rodoviário na capital no passado. Para isso, faz uso do pretérito imperfeito do subjuntivo (*se quisesse ir pra camburi*) com o pretérito imperfeito do indicativo (*você tinha que ir pra cidade*) alguns segundos depois, este falante ainda a respeito do mesmo assunto, evoca uma condição, agora num viés mais prospectivo, futuro, utiliza o futuro do subjuntivo (*se eu quiser ir pra jardim da penha*) com o presente do indicativo (*eu pego o ônibus...*):

(22) *se quisesse ir pra Camburi você tinha que ir pra cidade você tinha que ir pra cidade e da cidade pegar outra linha pra lá ...* agora vai direto ...
melhorou muito ... e aqui você vai pra Faesa ... você sabe né?

[...]

se eu quiser ir pra Jardim da Penha eu pego o ônibus aqui eu num instantinho ... você gasta quarenta minutos pra lá quarenta minutos por aqui ... pela cidade pra chegar lá ... pra passar pelo centro ... e eu vou por aqui ... eu gasto meia hora ...

(PortVix: Homem, Ensino Médio, acima de 50 anos)

Consideramos que essas alternâncias modo-temporais não são escolhidas pelo indivíduo de modo aleatório. Por isso, nosso objetivo nesse estudo é analisar essas combinações a partir de fatores internos e externos a língua no interior de sentenças condicionais encabeçadas pela partícula *se*.

2.4 A CONDIÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE POLIDEZ

Nós, como usuários da língua, fazemos, a todo momento, escolhas linguísticas mediante a inúmeros e distintos propósitos sociais. Dessa forma, podemos deferir o papel da linguagem como imprescindível para a manutenção das nossas relações em sociedade. E para além dos usos da língua e o que estes exprimem aos falantes, podemos e devemos considerar as motivações por detrás do ato comunicativo. Sabendo que a comunicação exige muito mais do que apenas os significados pré-estabelecidos, entender essas motivações possibilita então, uma compreensão maior acerca das reais intenções dos sujeitos durante a interação.

No interior das pesquisas que consideram a língua em uma perspectiva sociointeracional e funcional com falantes e ouvintes reais, surgem os estudos pragmáticos que possibilitam investigar, sob o âmbito linguístico, a intenção dos falantes no ato comunicativo. Para além do aspecto semântico, busca-se, assim, analisar o que significa o que foi dito ou até mesmo o não dito, considerando que a comunicação demanda para além dos significados pré-existentes. Segundo Stalnaker (1970), a Pragmática objetiva, então, estudar os atos linguísticos que, mais tarde, Green (1996) considerou como “atos de fé”.

Grice (1982) propõe a existência de algumas regras específicas que regem a conversação dos falantes, intituladas como máximas conversacionais. Para o autor, há um esforço mútuo entre os participantes da interação em que se busca um propósito em comum e que devem, portanto, realizar uma “[...] contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86). A esse preceito ele chamou de princípio de cooperação em que, haveriam então, “[...] esforços cooperativos que os conferem ao interagir, reconhecendo as medidas um conjunto de propósitos comuns, que indica um direcionamento para o diálogo [...]” (GONÇALVES, 2019, p. 199).

Grice (1982) formula o Princípio da Cooperação em que defende a contribuição do falante que é exigida durante o ato comunicativo, sendo manifestado por meio de quatro máximas: Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. As máximas de Grice podem ser violadas propositalmente com o intuito, por exemplo, de produzir uma implicatura conversacional. Para o linguista Leech (2014), a Teoria da Polidez seria a quinta máxima.

Em colaboração a esse princípio, Grice postula sob quatro categorias as seguintes máximas: I) quantidade; II) qualidade; III) relevância e por fim, IV) modo. As máximas podem ser utilizadas na cooperação para os objetivos da comunicação, sendo ainda permitidas que sejam violadas propositalmente, a depender do intuito do falante. O autor destaca que outras máximas podem também ser destacadas, entre elas a máxima “seja polido”. Tal o grau de importância da polidez, Leech a vê como uma quinta máxima conversacional de Grice. Lakoff (1973, apud OLIVEIRA, 2004, p. 274) cria as três submáximas da polidez, em que para ser polido é preciso agir conforme elas, resumidas a seguir de acordo com Oliveira (2004):

- I: não imponha (usada em situações formais/impessoais);
- II: dê opções (usada em situações informais);
- III: faça o ouvinte se sentir bem (usada em situações de intimidade).

A compreensão da polidez também pode ser feita a partir de sua relação intrínseca com a noção de face. Assim, se constrói uma autoimagem a partir de nossos papéis sociais. Pode haver, desta maneira, uma maior colaboração entre os indivíduos cooperando para a manutenção de suas faces durante o momento de interação. Para Erving Goffman, somos então, atores desempenhando socialmente nossos papéis e construindo, assim, a nossa face. Trata-se, pois, de uma espécie de blindagem, uma tentativa de autopreservação. É, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar inatas sua sensibilidade e suas emoções (HOLANDA, 1995, p. 147 apud WILSON, 2018, p. 97).

Este processo de elaboração da face é construído de modo duplo. Ocorre a autodefesa em que se tenta preservar a própria face e, simultaneamente, há a tentativa de salvar a face do outro indivíduo. Portanto, “[...] a preocupação com a própria face implica a preocupação com a face do outro”. Ou seja, geralmente, ao expressarmos um enunciado de modo mais polido, buscamos não agredir a face do outro, receosos muitas vezes, em não sermos atingidos também.

Brown e Levinson (1987, apud CUNHA; OLIVEIRA, 2020, p. 139) estabelecem a noção de face nos estudos da teoria da polidez, a partir da cisão entre a face positiva e

a face negativa. A primeira está relacionada a uma “fachada social”, uma imagem que se almeja exibir para ou outros, enquanto a segunda é a intimidade do indivíduo, a sua privacidade. Com o uso da polidez se busca, principalmente, sustentar e recompor a face do outro e a sua própria.

A polidez pode ser usada a fim de que se iniba os atos ameaçadores a face, conhecidos na língua inglesa como FTA, tais como um pedido, um aviso, uma ameaça e tantas outras práticas tão rotineiramente realizadas, mas que se não houver uma certa cautela, podem facilmente, salientar a face negativa. O modo pelo qual os falantes realizam um enunciado mais polido pode, portanto, propiciar um grau mais atenuado de ameaça a face do seu interlocutor, equilibrando assim, a interação. É pertinente então, que se saiba “[...] o que os falantes ‘querem dizer’ (mean) e não exatamente o que dizem (say)”.

Os estudiosos afirmam que a polidez é responsável pela ordem social e, dessa maneira, uma pré-condição para a cooperação entre indivíduos. Embora sofra de uma complexa variação cultural, sujeita a especificações culturais de diversos tipos, a polidez, tomada no sentido mais geral que o termo permite, transcende barreiras culturais, sendo considerada um valor universal, no sentido de que existe em qualquer sociedade, conforme Oliveira (2004, p. 272).

Todo ato de fala é considerado pelos autores Brown e Levinson (1987), como um ato ameaçador de face – AAF. Compreendo a fragilidade das faces, os indivíduos tendem então, a lançar mão de estratégias que possam minimizar essa ameaça e o uso da polidez pode ser muito significativo para essa atuação.

Existem muitas estratégias que podem ser empregadas para expressar maior polidez. Mas comumente, o que se utiliza é o recurso de distanciamento entre o indivíduo e o seu enunciado, através de diversos mecanismos. Um destes métodos é o uso das sentenças condicionais que possibilitam exprimir uma enunciação mais polida.

Nos estudos pragmáticos acerca da (im)polidez, é imprescindível o entendimento sobre a face. Segundo Goffman (1982,1985,1986) somos atores desempenhando nossos papéis e construímos socialmente a nossa face. A face positiva seria uma espécie de fachada social, uma imagem que se deseja transmitir para as pessoas. Já a face negativa estaria mais relacionada ao corpo e à intimidade do indivíduo. Segundo os autores, existem atos ameaçadores da face negativa como: pedido, aviso e ameaça. E também da positiva, como o tabu, as queixas, as críticas e a desaprovação.

Para Sperber e Wilson (1995), a comunicação só é de fato compreendida quando

a audiência consegue identificar a intenção informativa do falante. Dessa maneira, por meio de *inputs* (gestos, falas, expressões...) sejam eles linguísticos ou visuais e, claro, o contexto, consegue-se criar suposições no ato comunicativo. Com a Teoria da Relevância, os autores expandem a teoria de Grice e esclarecem que é a partir das inferências que ocorre a ligação entre a elaboração do enunciado e a sua compreensão por parte do indivíduo.

Por meio do olhar centrado no uso, investigam-se as mais variadas motivações pragmáticas que ocorrem nas relações entre os indivíduos. Se imaginássemos os modos que poderiam ocorrer essas interações, decerto, seriam muitos. Entre eles, pode haver, por exemplo, uma conduta mediadora do ato comunicativo, em que se regula o modo de interação e se constrói socialmente a face, um mecanismo conhecido como *princípio da polidez*. As sentenças condicionais são utilizadas com inúmeros propósitos comunicativos. Entre eles, destacamos, aqui, o papel como um modo de se alcançar maior polidez na fala dos indivíduos, como ilustra o dado/exemplo (1) a seguir:

(23) *¹⁶se precisar estamos aí* (risos)

(PortVix: Homem, ensino superior, acima de 50 anos)

Note que a expressão de possibilidade do fato hipotético colabora para que o enunciado seja mais atenuado e possa sugerir, nesse caso, uma predisposição maior do falante em ajudar o seu ouvinte. Há, de fato, uma polidez acentuada ocasionada a partir do uso da cláusula condicional.

A condicional de polidez pode ser dividida em duas grandes categorias: i) como uma atenuadora da força ilocucionária de atos que podem ser vistos como autoritários (exemplo 24) e ii) aquela usada para minimizar o valor de verdade da proposição (exemplo 25):

(24) **Entrevistador 2:** CÊ acha que isso, leva as pessoas se separarem?

Informante: É... e também sei lá tem muitos casais que, também que casa por casar né. E e depois a/o marido vai pró lugar com os amigos, a mulher vai pró/pró outro com as amigas, eu acho que isso, aí, não dá certo não.

Entrevistador 2: Por causa da individualidade em excesso?

Informante: É, acaba depois é não/dando certo, não.

¹⁶ Em itálico destacamos a estrutura hipotática (prótase) e em sublinhado temos a estrutura nuclear (apódose).

Entrevistador 1: Você acha que assim, que quando os pais não vivem bem, é melhor pró filhos que os pais se separarem de uma vez?

Informante: *Se separem é melhor, se separa, se não vive bem,* porque eu acho que os filhos devem sofrer muito, pai e mãe morando junto só brigando, aquela confusão todo tempo, é pior pró filhos que se vivesse logo separado.

(PortVix: Mulher, ensino superior, acima de 50 anos)

(25) sabe lá *se foi isso que aconteceu comigo*, quando tava cai/ que eu caí, né? (PortVix: Mulher, ensino superior, 26 a 49 anos)

Em (24), notamos que o falante utiliza a condicional para abordar um assunto delicado, uma separação conjugal. Se, no início do enunciado, há um pedido feito de forma mais imperativa, *se separem é melhor...*, ao fim temos a condicional que suaviza o tom da conversa, ... *se separa, se não vive bem*, atenuando a força do ato ilocucionário, ou seja, diminuindo, nesse caso, a força da opinião que foi dada pelo indivíduo. Segundo Oliveira (2005, p. 127),

[...] a hipoteticidade da condicional é usada para atenuar a força ilocucionária de um ato considerado ameaçador, uma vez que afeta a face do ouvinte no que diz respeito à sua liberdade de ação e de não imposição. Ao usar a condicional nesses contextos, o falante demonstra sua intenção em colaborar para a manutenção da face do ouvinte, e assim tenta garantir o fluxo da interação.

Já em (25), o uso da condicional é realizado de forma que o falante se distancia da sua proposição, deixando de se responsabilizar pelo o que disse: *sabe lá se..., não sei se..., se eu não me engano*, entre outros tipos de estruturas que colaboram para que o valor de verdade da condicional possa ser posto em maior grau de incerteza. Ao evitar uma asserção mais categórica, faz uso dessa condicional de polidez, em uma tentativa de ser compreendido ou aprovado pelo outro.

Conforme Araujo (2014), podemos observar também a polidez em condicionais a partir da estratégia dos *suavizadores*, como por exemplo com o uso de modalizadores (exemplo 26) com o uso de *acho*, de ressalva (exemplo 27) com o *mas* e o *talvez*, e de minimizadores (exemplo 28) que vemos em *molinho*, *algodãozinho* e *rodadinha*:

(26) **acho** que é... terrível... acho que *se eu fosse mãe... eu não ia querer que meu filho visse aquilo...* (PortVix: Mulher, ensino superior, 15 a 25 anos)

(27) até porque na/ não/ não acompanho mais porque eu tô na faculdade a noite... **mas** talvez *se eu tivesse em casa* eu acompanharia... mas eu gosto de ver muito programa de jornal... (PortVix: Mulher, ensino superior, 15 a 25 anos)

(28) mas *se tá* ***molinho***, pega um algodãozinho, dar uma ***rodadinha*** nele assim, sai na hora. (PortVix: Mulher, ensino superior, acima de 50 anos)

Sob a ótica pragmática, observamos que, conforme a intenção do falante em ser mais polido, ele pode optar por diferentes estratégias linguísticas e uma delas pode ser usar uma sentença condicional. É, pois, relevante compreender o uso das condicionais, interpretando-as para além de suas funções sintáticas e semânticas. Os fatores pragmáticos podem também serem considerados com o intuito de visualizarmos como tal sentença influencia na construção da polidez no momento de interação. Veremos, a diante, outras abordagens também relevantes, no tratamento das sentenças condicionais.

2.5 UM CASO À PARTE: AS SENTENÇAS CONDICIONAIS SEM NÚCLEO

Até o momento, discorreremos sobre as sentenças condicionais mais comuns, com uma estrutura completa com condicional/prótase e apódose, possuindo, portanto, um núcleo. Porém, a ocorrência de sentenças condicionais sem núcleo é também utilizada pelos falantes e se encontra presente no *corpus* desta pesquisa. Essas sentenças condicionais necessitam de uma averiguação não só sintática, como também semântica e pragmática. Ainda que esses casos exibam propriedades de uma oração considerada, tradicionalmente subordinada, não se apresentam deste modo, comportando-se de maneira completa sintática, semântica e pragmaticamente (EVANS, 2007), apesar da inexistência da nuclear.

Essa (des)articulação de cláusulas pode ser discutida sob o rótulo de *desgarramento*, fenômeno batizado assim por Decat (1999). Partindo-se de uma noção adotada por Chafe (1980) de *idea unit* ou *unidade informacional* (doravante, UI), a pesquisadora a aplica a dados escritos. Considera, assim, que há enunciados que funcionam como bloco de informação que, como um jato de linguagem, possuem, por si só, toda a informação necessária que, segundo Chafe, é utilizado em um único estado de consciência do falante. Caso a sentença não se caracterize como um enunciado por si só, não se trata, portanto, de uma UI (DECAT, 2011, p. 29). Segundo Chafe (1980), uma das possibilidades de se averiguar um bloco de informação seria por meio da entonação e da pausa. Sendo, para o autor, a entonação o melhor critério. Quando se trata de dados orais, um dos fatores que pode, então, ser levado em consideração é a curva entonacional¹⁷, já em dados escritos, se podem observar as pausas realizadas através de pontos e reticências, por exemplo, marcações presentes na transcrição dos dados do *corpus* de nosso estudo.

Para Decat (2011), esses enunciados ocorrem de maneira independente, à luz do critério da unidade de informação. Considera, ainda, as sentenças adverbiais (hipotáticas) como as mais favoráveis de serem desgarradas, já que não estão sintaticamente ligadas às suas sentenças nucleares. Não se trata, pois, exclusivamente, de um sentido completo, mas necessariamente de um funcionamento da sentença totalmente autônomo.

¹⁷ A curva entonacional pode ser analisada através do *Praat*, um pacote de software de computador gratuito utilizado para análise fonética.

Trata-se de estruturas que, tidas como subordinadas e dependentes pela GT, vêm ocorrendo no uso, de forma solta, isolada, como um enunciado independente. Dentro do português, ocorre em orações adverbiais, orações relativas positivas ou chamadas também de explicativas, conforme a GT, em orações reduzidas cujo verbo esteja no particípio e no gerúndio (DECAT, 2011, p. 15)

Essa proposta, assim como a da *insubordinação*, contesta a questão de dependência adotada, muitas vezes, pelos gramáticos tradicionais que insistem na noção de uma cláusula subordinada – termo amplamente discutível – ser “dependente” ora sintaticamente, ora semanticamente de outra cláusula, não sendo possível o seu uso de modo autônomo. A tradição gramatical desconsidera, assim, todos os usos legítimos e frequentemente realizados pelos usuários da língua como o das estruturas desgarradas (DECAT, 2011, p. 25).

Em uma possível distinção entre a insubordinação e o desgarramento proposta por Decat (2021), poderia se levar em conta, portanto, o material linguístico antecedente das cláusulas. Desse modo, as insubordinadas não teriam nenhum material linguístico que seria possível ser recuperado¹⁸, ao contrário das desgarradas que seriam acompanhadas de algum material referencial antecedente no discurso, como apontam Baroni & Rodrigues (2021, p. 302). Este é apenas um dos critérios estabelecidos pela linguista para a identificação das estruturas desgarradas. No total, são doze características apontadas pela autora:

1. Tem existência própria, constituindo uma unidade de informação, e sendo, por isso, independente na forma;
2. Ocorre depois de uma pausa, representada por um ponto final na escrita, e, na oral, depois de um contorno entonacional de final de enunciado;
3. É uma escolha, uma opção organizacional para a construção do texto;
4. Objetiva a focalização;
5. Relaciona-se com a porção textual anterior, retomando/recuperando um referente, seja ele um item lexical, uma ideia ou um conjunto de ideias;
6. Mantém uma relação retórica de satélite da porção núcleo;
7. Tem caráter interacional;
8. É uma estrutura hipotática, não sendo, por isso, encaixada;
9. Tem função textual-discursiva predominante de adendo;
10. Ocorre posposta à porção textual com a qual se relaciona;

¹⁸ Não consideramos aqui a referência que pode ser realizada pelo falante através do contexto em que o discurso se instaura. Neste caso aqui, consideramos somente a referência realizada ou não no interior da porção textual.

11. Tem caráter parentético, interrompendo o fluxo informacional;
12. Equivale, quanto ao funcionamento, a um SN ‘solto’ (DECAT, 2021, p. 20)

Dessa maneira, enquanto no desgarramento teríamos esse material linguístico antecedente que recupera o contexto da sentença considerada desgarrada. Por outro lado, na insubordinação, não haveria, pois, nenhuma porção textual que pudesse se relacionar com a sentença, que funciona então, como uma unidade informacional. Assim, no processo de insubordinação, a

interpretação é feita inferencialmente, com base no conhecimento de mundo dos falantes na situação comunicativa e na frequência de uso da cláusula, já que não há material linguístico a ser recuperado antes dela. Por isso, nesse caso, são consideradas independentes tanto sintaticamente quanto semanticamente (RODRIGUES, 2021, p. 142).

Segundo Decat, o fenômeno do desgarramento pode ser visualizado por meio de pausas estabelecidas através da pontuação (ponto final, por exemplo) na língua escrita (em uso), e da pausa e da curva entonacional na língua oral. Vejamos o próximo exemplo:

- (29) porque acho que uma pessoa que faz isso com uma criança... ela não é normal não... ela tem alguma coisa na/ na vida dela que ela/ alguma coisa anormal... *se ela fizesse isso com uma pessoa assim da... se ela fize/ fizesse isso escondido* já que o padre não pode casar... *fizesse com uma mulher...* sabe? Que tem uma condição de se defender... fala/ sabe dizer não...

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, acima de 50 anos)

A informante, nesse caso, lança mão da condição para refletir/opinar acerca do assunto de violência física. Em uma primeira tentativa de uma formulação hipotética – *se ela fizesse isso com uma pessoa assim da...* –, temos uma pequena pausa indicada pelas reticências e em seguida uma reformulação na fala, sendo bastante comum em se tratando de um trecho de um *corpus* de dados orais. A sentença condicional refeita – *se ela fize/ fizesse isso* ocorre sem a utilização de uma matriz, sendo, pois, usada de forma autônoma. Temos uma unidade de informação completa que se relaciona à porção

textual anterior, porém com uma autonomia sintática, semântica e discursiva. Não houve a necessidade de ‘completar’ a hipótese, a falante opta, pois, por uma condicional dotada de caráter interacional. Há também, na cláusula em tela, a utilização da anáfora – *isso* – que reitera a relação da condicional com o que foi dito anteriormente. Por último, tem-se uma outra sentença – ... *fizesse com uma mulher... sabe?* que, embora não tenha a presença do conector *se*, é dotada de condicionalidade e também poderia ser considerada uma condicional desgarrada.

Levando em conta essa (des)articulação de cláusulas, apoiado na concepção teórica de Decat (1999, 2011, 2021), trouxemos para o texto alguns casos presentes no *corpus* do Portvix que poderiam ser considerados casos em que há material linguístico recuperável, configurando-se desgarradas, conforme Decat. Como ilustrado a seguir:

- (30) ah eu não se i... tipo assim... eu acho que a mãe dela tipo assim agiu errado... mas também não mostrou muito o quê que a Regininha... tinha feito entendeu?... não mostrou também o quê que ela fez... mas... *se ela tava lá pedindo ajuda...* aí você vê uma classe... mais pobre deve ter vindo de uma família com dificuldade não deve... e ainda cria uma filha uma filha com dificuldade... tudo eu acho que influencia entendeu?

(Portvix: Mulher, Ensino Médio, 15 a 25 anos)

No exemplo acima, a informante tece um comentário de forma bastante opinativa sobre uma personagem de novela. As reticências demonstram várias pequenas pausas realizadas durante essa fala, provendo um discurso que parece ser mais reflexivo. No trecho destacado em itálico *se ela tava lá pedindo ajuda...*, se pode ver o uso de uma condicional que foge ao modelo canônico. Ainda que a cláusula tenha o conector prototípico que marca uma condicional originalmente subordinada, o conector *se*, o fato hipotético, permanece em suspensão sem que haja um núcleo articulado diretamente à condicional. Entretanto, há porções textuais realizadas que antecede e se relaciona a sentença desgarrada, como vemos no trecho “... eu acho que a mãe dela tipo assim agiu errado...”.

Outro caso de desgarramento ocorre a seguir. Novamente, em uma primeira vista, parece estarmos diante de uma simples sentença condicional aparentemente hipotática. O que não é o caso.

- (31) tipo assim deu meia-noite... tá todo mundo/ quem tinha comido comeu quem não comeu não tinha nada pra comer... *se você não tivesse levado um biscoito...* eu não tinha levado nada... então assim eu fiquei com fome mesmo até de manhã...

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

Temos aqui uma sentença com um funcionamento sintático, semântico e pragmático independente, uma condicional insubordinada, desconsiderada, muitas vezes, pela GT (HIRATA-VALE, 2017). Em *se você não tivesse levado um biscoito...* temos uma cláusula que não se integra sintaticamente e seu sentido (semântico) se referencia somente discursivamente. Há uma expressão de condição que parte de uma negação e que é marcada pelo uso do pretérito imperfeito do subjuntivo – *tivesse*, correspondendo ao mundo irreal (*irrealis*).

Nos próximos exemplos, (32, 33,34) vemos que o sentido da condicional é apenas recuperado em material linguístico antecedente. Tratam-se de cláusulas independentes com o uso das reticências que provocam uma reflexão estendida, e que, a partir do contexto situacional e da porção de texto realizada de forma antecipada a sentença condicional, o falante compreende os fatos em sua completude. Ademais, em relação aos tempos e modos verbais, nota-se uma certa preferência pelo uso do subjuntivo (*oferecessem/tivesse/privatizasse*), sendo essa uma opção frequente no uso de condicionais, principalmente aquelas de grau menor de hipoteticidade, mais contrafactual, com pouca ou nenhuma chance do fato hipotético se realizar. Já no enxerto (35), não há material linguístico que antecede a sentença de condição, ficando ela, de fato, em suspensão. A compressão do sentido da condicional é completada pelo conhecimento de mundo dos indivíduos.

- (32) a passagem é muito cara porque eles não oferecem o conforto... *se oferecessem ar-condicionado...* igual tem transcol que tem...

(PortVix: Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)

- (33) não... acho que a injustiça social é grande parte... a grande culpada desse negócio eu acho... *se você tivesse uma diferença menor entre a parte mais rica entre a parte mais pobre...*

(PortVix: Homem, Ensino Superior, 26 a 49 anos)

(34) é:... eu acho que a:: a vida humana tá muito desvalorizada... por vinte reais... outro dia o cara matou né... o outro por vinte reais... qualquer coisa é:: é:: matar... você mata você não sabe nem o nome de quem você matou... nem quem... morreu sabe seu nome... eu acho assim::... o pessoal... não tem amor ao próximo né... tá muito assim::... todo o mundo quer enriquece::r quer... ser melhor que o outro... tem que dar chance pros mais humildes né... falta emprego... falta casa... falta escola alimentação... acho *se todo o mundo tivesse um trabalho*... uma casinha pra morar...

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, acima de 50 anos)

(35) uai... se pra federalizar me::sno... aquele negócio da Farmácia tá difícil você imagine... hoje... com esse monte de curso... esse monte de coisa... que:: na::da... vai nada... agora... o problema é esse... *Se pri-va-ti-za-sse*... eu não digo nem privatizar... eu... agora uma coisa eu vou dizer a você... eu acho... que a universidade... deve ser paga...

(PortVix: Mulher, Ensino Médio, 15 a 25 anos)

No excerto abaixo, temos outro caso que poderia ser tratado como insubordinação condicional. Há uma diferenciação quanto aos exemplos anteriores com a utilização de uma expressão cristalizada, ou seja, invariável, que já se tornou uma expressão corriqueira. Temos aqui uma interpretação feita por meio de conhecimento de mundo. Com a frequência de uso desse tipo de sentença, os indivíduos reconhecem o seu contexto usual e usam-na reconhecendo o seu significado (BYBEE, 2016). Esse caso ainda ocorre através de uma situação intersubjetiva que, de acordo com Hirata-Vale (2017), promove um discurso mais polido a fim de se ter uma preservação de face do falante, estratégia essa que discutimos na seção anterior. No trecho abaixo, vemos um exemplo. Cumpre ressaltar, que a sentença condicional inteira é considerada a cristalização:

(36) assa todo dia... por volta de nove:: nove::nove e meia por aí... o... caminhão tá passando... e durante o dia tem o pessoal do / os garis né? que ficam... pelo morro também... de vez em quando eu acho que é uma vez por mês:: *se eu não me engano*... eles estão fazendo limpeza eles fazem limpeza lá em cima...

(PortVix, Mulher, Ensino Médio, 15 a 25 anos

Não é de nosso interesse, aqui, defender ou refutar teóricos que separam ou não os fenômenos da insubordinação e desgarramento. O intuito, é apenas trazer alguns apontamentos pertinentes para o fenômeno que estudamos neste trabalho. Mas sabemos que essa questão perpassa por diferentes pontos de vista. Rodrigues (2021), por exemplo, que até então, defendia a diferenciação entre os dois fenômenos, em evento recente¹⁹, se mostrou inclinada agora, na defesa de uma confluência entre as duas perspectivas.

Nessa seção, exibimos algumas contribuições de estudos de cunho funcionalista, que se dedicaram à averiguação das cláusulas condicionais alcançando outros níveis de discussão acima do que traz, por exemplo, a tradição gramatical. O fenômeno das sentenças condicionais sem núcleo possibilita estudos, ainda mais aprofundados, sobre a condição e nos levam a ampliar as discussões que são pouco exploradas em gramáticas e, conseqüentemente, em sala de aula. Depois de discorrermos, então, sobre o universo de estudo dessa pesquisa – as sentenças condicionais – apresentaremos o nosso objeto de investigação.

¹⁹ IV Seminário de estudos sobre o português em uso (2022).

3 -APORTE TEÓRICO

A atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade.

Paiva e Duarte (2003)

3.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Até a Era Chomskyana²⁰, ainda que houvesse, em muitos trabalhos, uma predisposição em associar língua e sociedade, o sistema linguístico, até então, era visto, muitas vezes, como sendo homogêneo e abstrato, considerado ainda incapaz de ser controlado a partir de fatores externos. Desse modo, questões que pudessem se sobressair dessa homogeneidade da língua acabaram por ficar de fora de muitos estudos naquele momento.

O cenário começou a mudar, principalmente, na segunda metade do século XX, com um foco mais intenso nos usos linguísticos sendo correlacionados com os aspectos reais da fala e também com metodologias que pudessem orientar, de forma mais robusta, os estudos científicos sobre a heterogeneidade da língua. Um período, então, caracterizado por uma contraposição àquela perspectiva inicial de homogeneidade linguística e à impossibilidade de pesquisa da língua em condicionamento a fatores extralinguísticos. Esse momento, conhecido como *virada pragmática*, propiciou o surgimento de novos campos teóricos linguísticos que, de modo interdisciplinar,

²⁰ Noam Chomsky é considerado o precursor da corrente teórica de estudos da ciência da linguagem o *Gerativismo*. Os estudiosos desta área focaram em elaborar um modelo teórico formal que poderia descrever e explicar o funcionamento da atividade linguística humana. No modelo chomskiano o ser humano possui um dispositivo inato que explicaria o comportamento da linguagem. Centrados nessa explicação genética e interessados pela mente humana, os estudos gerativistas mais clássicos não utilizam, de modo geral, dados reais de uso, do cotidiano dos falantes (KENEDY, 2008, p. 127-140).

conjugavam os estudos da linguística com diversos campos, entre eles, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, a Neurociência, a Semiótica e a Sociologia (SCARDUA; LAUAR, 2019, p. 55). Por meio dessa interdisciplinaridade e numa reação à teoria gerativa é que nasceu a *Sociolinguística*, principal âncora teórica deste nosso estudo.

Trata-se, pois, de uma subárea dos estudos linguísticos em que a língua é tida com um fenômeno sócio-histórico dotada de heterogeneidade e que passa a ser estudada a partir do âmbito da *variação e mudança linguística*. Ao considerar a língua como uma manifestação social que admite processos de variação e mudança, o sociolinguista busca descrever os fatos linguísticos que podem ser motivados por fatores internos e externos à língua. O pioneirismo sobre esse pensar teórico se deve a Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, e é na proposta teórica laboviana, especificamente, que fundamentamos este trabalho.

Na conferência ocorrida na Universidade do Texas em 1966, o trabalho dos autores WLH²¹ foi apresentado no simpósio *Direções para a Linguística Histórica*. A apresentação é considerada um marco para os estudos sociolinguísticos e marca também o início das pesquisas sobre mudança linguística em comunidades contemporâneas²².

Em 1963, William Labov publicou sua pesquisa sobre a Ilha de Mar'ha's Vineyard que, em suas próprias palavras “[...] foi escolhida como laboratório para uma investigação inicial dos padrões sociais na mudança linguística [...]” (LABOV, 2008[1972], p. 22) e que se tornaria um trabalho de referência para seus pares e um marco para os estudos da sociolinguística variacionista. Em seus resultados, conseguiu mostrar uma intrínseca relação do comportamento linguístico dos moradores da ilha com fatores de ordem social. Ao examinar a centralização fonética dos ditongos /ay/ e /aw/ desses habitantes, constatou que um dos aspectos que condicionava essa centralização era o sentimento de pertencimento à ilha. As técnicas utilizadas nessa marcante pesquisa foram depois aplicadas em seu outro célebre trabalho sobre a estratificação social do inglês de New York, em que correlacionou a frequência de /r/ com o *status* que possuíam as lojas de departamento da cidade. Nesse trabalho clássico, Labov investigou dois modos diferentes de se pronunciar o fonema /r/ pós vocálico que pode ser realizado com a presença do seguimento fônico [r] ou sem a sua presença. Como por exemplo, na posição final de palavra, como em *car*, o /r/ pode ser usado ou

²¹ Weinreich, Labov e Herzog.

²² FARACO, C. A. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968], p. 9-29.

apagado. Os resultados da sua observação indicaram que a ausência do seguimento fônico é estigmatizada socialmente. A análise indicou um *status* social mais alto no uso mais recorrente do /r/²³.

A publicação do primeiro trabalho de Labov sobre mudança sonora com a comunidade vineyardense inaugurou a conhecida *Sociolinguística Variacionista*. A partir dos pressupostos da sociolinguística variacionista, se toma o objeto linguístico como dotado de uma heterogeneidade ordenada, sendo possível estudar a sua variabilidade, considerada até então como um “caos”. Compreende-se, assim, que os “[...] fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1975], p. 127). Com uma metodologia bem definida, a variação, considerada inerente a todas as línguas, é então sistematizada nos estudos variacionistas. O conceito de variação é compreendido, pois, como duas ou mais formas que “concorrem” com um mesmo valor referencial. Dessa maneira, podemos ter formas de se referir a algo, tendo o mesmo significado como, por exemplo, a *variável* da segunda pessoa do singular com as suas duas *variantes* que são comumente utilizadas, *tu* e *você*²⁴. Logo, variável é o fenômeno de estudo nomeado na gramática e as formas que variam são então chamadas de variantes. Nesta pesquisa, temos como fenômeno variável a alternância verbal, enquanto as variantes se configuram como as combinações tempo-modo verbais que ocorrerem no interior das sentenças condicionais encabeçadas pela partícula *se*.

3.2 ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS

A variação em casos como no fenômeno da segunda pessoa do singular é, de fato, indiscutível, já que as duas formas – tu e você – se apresentam como concorrentes possuindo um mesmo significado referencial. Entretanto, nos fenômenos linguísticos em que o significado referencial comporta algumas nuances semânticas distintas, a discussão passa a ser mais dúbia. É o caso do objeto de estudo da pesquisa em tela. As formas verbais inseridas em sentenças condicionais encabeçadas por *se* são formadas por diferentes modos e tempos verbais, o que se distanciaria do *valor de verdade* que pressupõe, “[...] a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes [...]”

²³ TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

²⁴ COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* A Teoria da Variação e Mudança Linguística. In: **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 15-16

(LABOV, 2008, p. 313).

Consideramos, todavia, que essas formas verbais se encontram sob um mesmo domínio funcional, concepção que, para Beatriz Lavandera (1977), poderia substituir essa ideia de variantes sintáticas com um mesmo significado. Para a seguidora de Labov, a expansão do modelo metodológico laboviano não prevê sua expansão em análises de fenômenos para além do nível fonológico, além de seu pouco arcabouço teórico sobre a questão do *significado*²⁵.

Concebemos, neste trabalho, portanto, uma análise mais ampla das variantes, nesse caso das combinações tempo-modo verbais, admitindo, para isso, uma observação do objeto de estudo para além de seus aspectos sintáticos, alcançando assim, por exemplo, noções mais semânticas e discursivas ligadas às escolhas dos falantes ao usarem determinado tempo e modo verbal no uso de uma sentença condicional. Ancoramo-nos, pois, no estudo da variação que permite observar a variabilidade linguística não apenas no nível fonológico, como no nível sintático, semântico e discursivo. Admitimos, assim, que a polêmica entre Labov e Lavandera não exclui a investigação de fenômenos como o aqui estudado, mas demonstra a importância do estabelecimento de critérios para a análise. Ainda assim, não adotaremos o termo alternância como sinônimo de variação²⁶.

Com os usos linguísticos sendo munidos de variabilidade, se poderia acreditar em um sistema que apresenta aleatoriedades e irregularidades o que, no entanto, não é verdade. Ao contrário, esse campo da linguística pressupõe que a variação apresenta um comportamento regular e que possui regras, ora categóricas ora variáveis, sendo ainda influenciada por fatores extralinguísticos. Os usos são assim “[...] controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico” (MOLLICA, 2021, p. 27).

Portanto, é um dos papéis do sociolinguista variacionista entender como essa variação é regulada por meio desses condicionantes linguísticos e extralinguísticos, além de observar se se trata apenas de um quadro variável ou se já está em processo de mudança linguística²⁷. Com o pressuposto de que a língua não é estável, mas tem flexibilidade e dinamismo, os usos linguísticos se modificam e podem, ocasionalmente,

²⁵ MODESTO, Artarxerxes T. T. Resgatando a polêmica: os limites da teoria variacionista. **Revista de Letras**, v. 1, n. 26, p. 57-59, jan/dez. 2004.

²⁶ Compartilhamos, neste estudo, do mesmo ponto de vista de Brandão (2018, p. 147), no qual aponta que nem todos os casos de alternância verbal se constituem como casos de variação.

²⁷ BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz et al. *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 121-140.

se revelar com novos significados referenciais. Assim, formas podem variar e nesse processo de variação, uma mudança linguística pode vir acontecer. Importante dizer que, toda mudança é acarretada pelo processo de variação, contudo, nem toda variação acarretará uma mudança linguística.

Formas alternativas com o mesmo significado podem estar em concorrência e, gradualmente, uma delas pode ampliar seu uso e se instalar em toda uma comunidade de fala, acarretando o desaparecimento da sua rival [...] Em outros termos, a mudança é a outra face da variação característica das línguas humanas, como já propugnado no trabalho pioneiro de Weinreich, Labov e Herzog [...] (PAIVA, 2016, p. 24).

Para isso, se pode realizar a pesquisa em tempo *real*, ou seja, observar o fenômeno e seu uso através do tempo histórico ou, ainda, interpretar os dados via faixa etária, no tempo considerado *aparente*, assim as gerações de falantes seriam representadas pelas diferentes idades. Neste presente trabalho, realizamos uma pesquisa de tempo aparente, observamos, pois, os dados de indivíduos da comunidade de fala de Vitória/ES estratificados por meio de suas faixas etárias.

A sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua que ilustram o caráter adaptativo da língua como código de comunicação. Entre os pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, destacamos: a) o funcionamento da língua enquanto ela muda; b) a relação intrínseca entre variação e o sistema da língua; c) a regularidade existente no interior da variação; e d) a obrigatoriedade de toda mudança pressupor a variação, ainda que nem toda variação desencadeie um processo de mudança linguística²⁸.

Compreendemos, por meio da Sociolinguística Variacionista, a língua sendo “[...] uma instituição social que, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (CEZARIO; VOTRE, 2018, p. 141). Trata-se, assim, de uma proposta teórica coerente para a fundamentação deste trabalho, considerando que a compreensão da alternância verbal em combinações modo-temporais encontradas em sentenças condicionais pode, certamente, elucidar maiores esclarecimentos para a descrição da variação e mudança linguística. A

²⁸ WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

alternância verbal, bem como outros fenômenos variáveis da língua, elucida bem que a variação e mudança são inerentes e contínuas na língua, como apontam Paiva e Duarte:

A atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade [...] (PAIVA; DUARTE, 2003, p. 13).

A seguidora de Labov, Penelope Eckert (2012), organizou as pesquisas sociolinguísticas em três categorias denominadas por ondas de estudos. São três ondas que se configuram como práticas com nuances características, não sendo excludentes entre si. A primeira onda dos estudos sociolinguísticos de cunho variacionista é caracterizada, segundo a pesquisadora, pela investigação de padrões regulares com comunidades de fala estratificadas de modo mais amplo, entre eles sexo, idade, escolaridade e classe social. Tratam-se de estudos que buscam correlações no nível macrossocial com as variáveis linguísticas, ou seja, que analisam o uso de fenômenos variáveis a partir de categorias sociais dos indivíduos dentro de uma comunidade de fala. A pesquisa laboviana sobre o inglês nova-iorquino, lembrada anteriormente, é um exemplo deste tipo de estudo e é considerada a pioneira dessa primeira onda.

Já em relação aos estudos de segunda onda, temos, de modo mais contundente, a variação linguística como expressão de questões identitárias locais ou de grupos. São pesquisas que possuem uma análise voltada à questão etnográfica, se alongando mais durante a coleta de dados a fim de se alcançar categorias sociodemográficas. Dessa maneira, o pesquisador da segunda onda foca no falante e em sua rede social - grupos de pessoas às quais se relaciona. Eckert (2012) realizou um estudo etnográfico em que analisou o comportamento de dois grupos de adolescentes e conseguiu observar a divisão deles ligadas, por exemplo, com questões socioeconômicas.

Para Eckert (2012 [2012], p. 278), tanto as pesquisas sociolinguísticas da primeira e segunda onda realçam as categorias aparentemente estáticas dos indivíduos e igualam a questão identitária como pertencimento da categoria, enquanto que, na onda subsequente, a variabilidade não é apenas vista como reflexo de identidade como uma verdadeira prática linguística que situa o falante na comunidade não mais de fala, mas de prática. Os estudos da terceira onda investigam as comunidades de prática em que os membros compartilham propósitos em comum, propiciando, assim, uma pesquisa que possa destacar as categorias sociais que estão atuando nas questões linguísticas. Cumpre

salientar que “[...] as ondas não aconteceram de maneira estanque, pelo contrário, as três se desenvolvem concomitantemente e uma sob o patrocínio teórico da outra [...]” (SALOMÃO-CONCHALO, 2015, p. 44).

Esta presente pesquisa se aproxima dos estudos de primeira onda, já que buscamos analisar a alternância verbal em sentenças condicionais iniciadas por *se* em dados orais da comunidade de fala de Vitória/ES, sendo um *corpus* organizado a partir de categorias macrossociais, no qual investigamos uma possível regularidade no uso alternativo das formas verbais em condicionamento aos grupos de fatores que serão analisados. Veremos com maiores detalhes na seção de *metodologia*.

4- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 PROJETO *O PORTUGUÊS FALADO NA CIDADE DE VITÓRIA*

Sendo o precursor do registro oral capixaba, o banco de dados PortVix possui, ao todo, 46 entrevistas realizadas no início do século XXI, entre os anos de 2001 a 2003. As gravações têm duração de mais ou menos uma hora em cada entrevista, sendo que foram realizadas, em sua maior parte, com nascidos na cidade metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo. A estratificação foi feita pelo sexo (Homem/Mulher), pela faixa etária (07 a 14 anos; 15 a 25; de 26 a 49 ou acima dos 50 anos) e, também, pela escolaridade (ensino fundamental; médio ou superior) dos informantes entrevistados. De forma aleatória, as células foram distribuídas pelas sete regiões administrativas da cidade de Vitória/ES, conforme (YACOVENCO et al, 2012, p. 776). Foram compostas, então, 46 entrevistas, formando a seguinte distribuição dos informantes com suas respectivas variáveis sociais:

Quadro 4 - Distribuição das células sociais do banco de dados do PortVix

Idade	07-14		15-25		26-49		50 ou +		Totais
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Sexo									
Ensino Fundamental	4	4	2	2	2	2	2	2	20
Ensino Médio	-	-	3	3	2	2	2	2	14
Ensino Universitário	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Número total de informantes entrevistados									46

Fonte: Yacovenco (2002, p. 108)

As entrevistas realizadas pelo PortVix buscaram atingir o vernáculo dos indivíduos, isto é, “[...] o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao

monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244). Todavia, por causa de sua formalidade, não é tarefa fácil encontrar esse momento de maior desvio de atenção a sua própria fala em situações de entrevistas. Para Tarallo (1986), o vernáculo é a própria língua falada, mas sem que o indivíduo se preocupe com a sua enunciação.

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de *conunciá-los*. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o *matéria básico* para a análise sociolinguística (TARALLO, 1986, p. 19).

Por isso, tornou-se necessário que alguns métodos fossem utilizados para que ocorressem maiores situações em que as pessoas monitorassem menos o modo em que falavam, ainda que não estivessem em um contexto tão informal como quando estão com a família ou entre amigos, por exemplo. A utilização da entrevista sociolinguística torna-se, portanto, essencial, para que, de modo empírico, se possa investigar a “[...] língua falada em situações naturais de interação social face a face” (COELHO *et al*, 2015, p. 102).

4.1.2 A comunidade de fala capixaba

Fundada em 1551, a capital do Estado do Espírito Santo, Vitória, foi o lugar escolhido para a realização do primeiro banco de dados capixaba – o PortVix. Sendo uma das três ilhas-capitais do país, a cidade possui, atualmente, uma população de 327.801 habitantes²⁹. Sendo uma das capitais mais antigas do país, a cidade de Vitória possui uma localização estratégica para escoamento da produção brasileira, como vemos no mapa.

²⁹ De acordo com o site do Governo do Estado.



Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/vitoria.htm>

A palavra *capixaba* tem origem na língua tupi e significa roça, roçado, terra limpa para se realizar uma plantação. Os primeiros habitantes da ilha, os povos indígenas, denominavam de capixaba as suas plantações milho e mandioca. Dessa maneira, a população da cidade começou a chamar a população indígena de capixaba e, posteriormente, a designação abrangeu todas as pessoas que moravam aqui³⁰. De forma ilustrativa, podemos ver a influência indígena, a paisagem natural e pontos turísticos do estado sendo representados na obra artística a seguir:

³⁰ Informações retiradas e adaptadas do site do Governo do Estado.



Disponível em: http://cenavitoria.blogspot.com/p/historia_1.html

Após essa descrição do *corpus*, seguiremos para a explicação de algumas decisões tomadas durante os procedimentos metodológicos da pesquisa.

4.2 ALGUMAS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

No quadro abaixo, podemos identificar três tipos de sentenças que não foram consideradas na análise. Nessa decisão metodológica, foram excluídas as sentenças com estruturas cristalizadas, em que se usa expressões que são invariáveis, como *se Deus quiser*. Além disso, também foram deixadas de lado aquelas que continham verbo apenas na prótase e, por fim, as chamadas desgarradas, em que o falante só faz uso da condicional sem a condicionante também foram descartadas. Nos chamou bastante atenção, principalmente, o fato de a maioria dessas ocorrências aparecer, principalmente, em momentos em que os falantes estão argumentando ou dando uma opinião sobre algo. Podemos conferir esses exemplos no quadro abaixo.

Quadro 5 - Sentenças condicionais que não foram consideradas no mapeamento dos dados

Estrutura	Exemplo
Cristalizada	<p><i>se eu não me engano...</i> eles estão fazendo limpeza eles fazem limpeza lá em cima...</p> <p>(Mulher, Ensino Médio, 15 a 25 anos)</p>

Verbo apenas na prótase	se você puder dar uma condição boa tudo bem agora... (Mulher, Ensino Médio, 15 a 25 anos)
Desgarrada	porque acho que uma pessoa que faz isso com uma criança... ela não é normal não... ela tem alguma coisa na/ na vida dela que ela/ alguma coisa anormal... se ela fizesse isso com uma pessoa assim da... se ela fize/ fizesse isso escondido já que o padre não pode casar... fizesse com uma mulher... sabe? Que tem uma condição de se defender... fala/ sabe dizer não... (Mulher, Ensino Médio, Acima dos 50 anos)

Fonte: Viana (2021, p. 30)

Como o intuito é analisar as combinações modo-temporais das sentenças condicionais que ocorrem por meio da articulação verbal entre a sentença condicional e a sentença nuclear, os casos que ocorreram como exemplificados no *quadro 5*, não fizeram parte, então, da análise quantitativa. Mas registra-se aqui, a nossa vontade de realizarmos, futuramente, estudos acerca desses dados, muito relevantes para as discussões linguísticas.

4.3 OS GRUPO DE FATORES ANALISADOS

Nesse momento, apresentaremos os fatores sociais (extralinguísticos) e os fatores linguísticos que foram considerados para as análises do fenômeno em estudo. Tendo como objetivo principal, averiguar as combinações verbais no interior das sentenças condicionais iniciadas por *se*, analisaremos os dados relacionados aos fatores, a seguir descritos, a fim de analisar seu comportamento no uso das combinações modo-temporais. Como veremos mais adiante, dada a tamanha variabilidade de combinações encontradas, decidimos focar as nossas análises em três combinações modo-temporais, às quais foram mais frequentes no âmbito do potencial, que correspondem ao: *futuro do subjuntivo + presente do indicativo*; *presente do indicativo + presente do indicativo* e *futuro do subjuntivo + futuro perifrástico*.

4.3.1 Fatores linguísticos

4.3.2.1 Posição/ordem da sentença

O primeiro fator observado será a posição das sentenças condicionais iniciadas por *se*. Pelos estudos já realizados, sabemos que a posição anteposta, conhecida também como canônica, é a mais frequente na língua em uso. Analisaremos o comportamento dessa escolha, em função das combinações modo-temporais. Alguns trabalhos já verificaram que há contextos sintáticos preferidos, diante de algumas formas verbais. Costa (2003), em estudo sobre a alternância verbal entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito no português do Rio de Janeiro, chegou a resultados que mostram que há contextos sintáticos preferenciais para a escolha das variantes. Na ordem anteposta, inversão interessante que contraria um princípio icônico de que a condição precede o fato, o presente do indicativo é o preferido, enquanto, na ordem inversa, a tendência é que o futuro do pretérito seja utilizado.

ORDEM ANTEPOSTA

(37) Teria ... eu gostaria de fazer ... *se eu /tiv/se eu **tivesse passado tentado***

Música eu **tinha passado** eu acho aí eu taria nas ufes ...

(PortVix, Homem, 15 a 25 anos, Ensino Superior)

ORDEM POSPOSTA

(38) eu vou assistir na casa duma/da minha... concunhada na casa da/da... do namorado da... da namorada do meu... do na/irmão do meu/ de Bruno do meu namorado... e a gente vai assistir lá... acordar cedo pra ir... e depois a gente **vai** direto pra Praia do Canto né?... *se **ganhar***

(PortVix, Mulher, 15 a 25 anos, Ensino Superior)

4.3.3 Temporalidade

Em relação à temporalidade, baseando-se em Brandão (2018), diferenciamos as sentenças condicionais em temporais e atemporais, de acordo com a definitude de tempo explicitada por meio de projeções temporais que o falante realizou. Conforme a pesquisadora explica, as sentenças temporais dão marcadas pelo caráter eventual, enquanto as atemporais se veiculam a uma ideia mais genérica. Dessa maneira, caracterizamos como sentenças condicionais, aquelas que, de algum modo, possuem marcações de tempo, em que o falante expressa uma ideia referente ao passado, presente ou futuro. Por outro lado, nas sentenças atemporais, não há marcas que possam indicar

alguma âncora de tempo, funcionando como “verdades eternas” (BRANDÃO, 2018, p. 89).

Nossa hipótese, com base em Brandão (2018), é a de que a atemporalidade se vincule com o uso de combinações quem contém o presente o indicativo. Já as sentenças temporais, pensamos que estarão mais relacionadas com os usos do futuro na sentença nuclear.

TEMPORAIS

(39) ... *se amanhã você **montar** uma firma, pra você amanhã, você num **pode** ... só comparar que o lucro venha... que você tenha.* (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

(40) ... no aniversário dele ele falou ‘vem assim *se você não for* você **vai ver**? ... (PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos)

ATEMPORAIS

(41) porque a maré tem vez que ela :: ela:: quando ela tá suja quando a água vem de lá do fun::do, por exemplo, *se **vem** lixo do meio da maré /é/ a maré traz tudo pro seco pra beirada ela começa a jogar tudo pra fora ela faz a limpeza ela:: joga Tudo fora joga.* (PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos)

(42) *se você **pegar** um pouquinho... uma mão/ uma mão mais a frente outra atrás ... a prancha desequilibra... você cai.* (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos)

4.3.4 Modalidade

Outro fator linguístico que nos propomos analisar é a modalidade das condicionais. Em sua proposta, Givón (1995) separa a modalidade em epistêmica – proposições voltadas a uma maior probabilidade, crença, certeza e verdade, da deôntica, cujo conteúdo proposicional se relaciona mais a um desejo, uma obrigação ou intenção. Analisando para além das formas verbais, averiguaremos as sentenças condicionais

quanto ao seu conteúdo semântico, seja esse conteúdo mais subjetivo, eventual, genérico ou obrigatório. Abraçado (2020, p. 72) afirma que a modalidade,

diz respeito à expressão da atitude do falante em relação ao seu próprio enunciado, explicitando sua atitude psíquica em face da situação a que se refere. Para tanto, podem ser utilizados diversos recursos disponíveis nas línguas como, por exemplo, entoação, verbos que expressam atitudes, advérbios [...]

Para Givón³¹, a modalidade epistêmica estaria mais imbricada à crença do indivíduo que compromete com a verdade de sua proposição, ou certeza da realização do fato à suposição de uma ocorrência provável, possível ou ainda mesmo impossível de ocorrer. Enquanto isso, na modalidade deôntica, o falante se refere mais à moral, aos seus direitos e também aos seus deveres. Evoca, desse modo, a sua vontade ou desejo frente as outras proposições. Para isso, definimos com base em Tesch (2011), as seguintes categorias de análise desse fator linguístico:

EXTREMO EPISTÊMICA

Neste caso, levamos em conta as sentenças que não tinham outras marcas de modalidade para além tempo indicado por meio do verbo e, também, aquelas ocorrências em que o falante mostrava certeza sobre a realização da ação. As marcas de modalidade foram averiguadas tanto na sentença condicional como na nuclear, porém, notamos que essas marcas são registradas pelos falantes, geralmente, no interior do núcleo da condição.

- (43) ... *se eles não acertar a vida deles, com certeza eles vão procurar o que vão achar o que tão procurando.* (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)

POSSIBILIDADE EPISTÊMICA

Já aqui, classificamos as sentenças que exibiam mais uma marca de possibilidade de acontecimento do evento.

³¹ Ibid.

- (44) *se ele **tiver** muito amor à moça **pode ser** até que ele se converte né?*
(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

POSSIBILIDADE DEÔNTICA

Na possibilidade deôntica, vemos aqueles casos que apresentaram noções como de permissão e de capacidade.

- (45) *... se você **for** uma/uma profissão de médicos ... você **tem** que ser um grande médico.* (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

EXTREMO DEÔNTICA

Por fim, a sentença extrema deôntica, é aquela que exibiu marcas explícitas de obrigação e necessidade.

- (46) *se eles **tiverem**, eu **vou exigir** um atendimento de ótima qualidade.*
(PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos).

A principal hipótese, conforme o estudo de Tesch (2011), é de que contextos em que a apódose é obrigatória ou pré-existente (deôntica e extremo epistêmica), formas de presente do indicativo serão as preferidas tanto na condicional/prótase quanto na nuclear/apódose. Já em contextos em que há uma projeção de eventualidade de a apódose se concretizar (possibilidade epistêmicas e possibilidade deôntica), a forma mais frequente será com o uso do futuro do subjuntivo.

4.3.5 Definitude do Sujeito

O último fator linguístico que analisaremos se refere à definitude do sujeito. Ancorando-se em Brandão (2018), classificamos as sentenças condicionais coletadas a partir do grau de definição que os sujeitos se apresentam. As sentenças poderão, então, ter o sujeito mais definido ou mais genérico (tanto na condicional/prótase como na nuclear/apódose). Os casos em que não haviam referência de sujeito foram descartados para as análises quantitativas desse grupo de fator. Partimos da hipótese, de acordo com os trabalhos revisitados, de que as formas com o presente do indicativo estarão mais relacionadas com os sujeitos mais genéricos. Vimos anteriormente, que o tempo

presente pode circunstanciar não apenas o presente em si, como pode ser utilizado por nós, usuários da língua, para exprimir verdades, por exemplo, se relacionando assim, aos sujeitos mais genéricos; Em contrapartida, formas verbais com a marcação de subjuntivo, se veicularão aos sujeitos mais definidos.

Quadro 6 – Classificação das sentenças potenciais para o fator linguístico definitude do sujeito

Referência de sujeito [condicional] + [nuclear]	Sentenças
[definido] + [definido]	eu evito dirigir entendeu? ...mas se eu beber eu não dirijo mesmo. (PortVix: Homem, Ensino Médio, acima de 50 anos)
[definido] + [genérico]	Mas se eu não falar, alguém fala. (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)
[genérico] + [definido]	por que se os outros ficam sabendo... aí fala assim “nossa!... duas/dois adolescentes namorando desse tamanho” ... eu acho...chato né (PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)
[genérico] + [genérico]	– ah depende ná? se a mulher for bem ciumenta assim você vai ter que deixar de sair com seus amigos... porque tem mulher que não gosta ... várias coisa. (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos)

Adaptado de Brandão (2018)

4.3.2 Fatores sociais

Em relação aos fatores sociais, os analisaremos por meio das categorias macrossociais do banco de dados PortVix, que dividiu os informantes por meio da escolaridade (fundamental, médio, superior), faixa etária (07-14, 15-25, 26-49, 50 ou +) e sexo (mulher/homem).

4.3.2.1 Escolaridade

Vimos em estudos anteriores, como em Viana (2021) que é na escolaridade mais alta (ensino médio e superior) que o futuro do pretérito se encontra mais frequente. A hipótese, aqui, é que as formas do subjuntivo, apareçam mais nas sentenças nucleares dos falantes com grau de escolaridade mais alto. Ao rodarmos os dados no programa estatístico poderemos aprofundar as análises.

4.3.2.2 Faixa etária

No estudo de Brandão (2018), em relação às condicionais potenciais, o fator idade dos informantes se mostrou relevante em relação à escolha das combinações. Destacamos a tendência que pessoas mais jovens mostraram ter, utilizando presente do indicativo mais do que futuro do subjuntivo, bem como os mais velhos, que, inversamente, utilizaram mais futuro do subjuntivo que presente do indicativo. Enquanto isso, a combinação: *futuro do subjuntivo + presente do indicativo* aparece em maior proporção em todos os contextos e parece funcionar como uma forma “curinga”, sendo uma forma que se situa em um ponto intermediário entre as outras combinações. Assim, formas de presente do indicativo passam a ser mais utilizadas que as demais, seja na prótase ou na apódose de condicionais potenciais. Em Viana (2021) observamos também que é na fala dos jovens e dos adultos que aparece, de forma mais evidente, a nuclear/apódose com o futuro do pretérito, por meio da combinação pretérito imperfeito do subjuntivo + futuro do pretérito.

4.3.2.3 Sexo

Observamos neste quesito, se há um uso mais frequente ou não, das combinações modo-temporais que se articulam em sentenças condicionais iniciadas por *se*, relacionados ao sexo dos informantes das entrevistas do PortVix. Mas podemos adiantar, a partir da literatura revisada, que não há muitos resultados significativos que

comprovem esse fator como determinante para a alternância verbal nessas ocorrências de sentenças condicionais iniciadas por *se*.

4.4 FERRAMENTA ESTATÍSTICA

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa computacional *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Dessa forma, tornou-se possível analisar, por meio de percentuais e peso relativo, a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos, no uso das combinações modo-temporais. Sendo representado entre o número 0 e 1, o peso relativo pode ser assim interpretado: “[...] um valor acima de 0,5 corresponde a um fator que favorece a aplicação da regra, um valor abaixo de 0,5 indica um fator que desfavorece a regra e um valor exatamente igual a 0,5 corresponde a um fator que essencialmente não tem efeito na regra [...]” (GUY; ZILLES, 2007, p. 41). Ou seja, quanto mais próximo de 1, maior é a força de atuação dos grupos das variáveis em relação ao fenômeno.

Após o levantamento e a codificação das sentenças que constituíram o fenômeno do estudo em questão, discriminando cada ocorrência a partir dos grupos de fatores estabelecidos, rodamos os dados no programa estatístico *GoldVarb X* e os resultados quantitativos e qualitativos obtidos serão descritos a seguir.

5 - ANÁLISE DOS DADOS

5.1 MAPEAMENTO GERAL DOS DADOS

Conhecer uma língua, qualquer língua, implica automaticamente penetrar na maneira particular pela qual uma determinada cultura recorta o universo.

Sônia Costa

Com o trabalho de levantamento dos dados realizado, obtivemos um total de 793 sentenças condicionais, sendo assim por nós categorizadas: 25 sentenças reais, 615 potenciais e 153 sentenças irrealis. 77,56% dos dados foram, portanto, no âmbito do potencial. Nessa distribuição, observamos que os capixabas usaram as sentenças condicionais iniciadas por *se*, muito mais nos contextos potenciais, ou seja, falam a partir de um maior grau de eventualidade do fato hipotético. Novamente, nos chama a atenção a semelhança desse resultado ao encontrado por Brandão (2018) para os três contextos. A pesquisadora encontrou, na fala do interior paulista, 914 sentenças condicionais, sendo 33 dados reais (3,61%), 650 potenciais (71,11%) e 224 irrealis (24,50%), além de 7 considerados por ela como ambíguos.

Quadro 7 - Distribuição das 793 sentenças condicionais iniciadas por *se* em relação aos contextos do real, potencial e irreal do PortVix

REAIS	POTENCIAIS	IRREALIS
25 dados	615 dados	153 dados
3,15%	77,56%	19,29%

Fonte: Viana (2021)

Em relação às articulações modo-temporais, coletamos um total de 40 combinações. Um envelope com uma variedade muito grande, que nos surpreendeu. Mas notamos que destas 40 combinações, 5 delas ocorreram em 642 sentenças

condicionais, o que corresponde a 80% dos casos. As outras 35 combinações tiveram uma frequência menor que 30 dados cada uma e elas ocorreram nas 151 sentenças restantes. Chamamos, então, essas 35 combinações de infrequentes.

Quadro 8 – Levantamento geral das combinações modo-temporais em sentenças iniciadas por *se* em relação aos contextos do real, potencial e irreal do PortVix.

Combinação	Sentenças condicionais	Real	Potencial	Irreal	Frequência total
³² P: Futuro do Subjuntivo A: Presente do Indicativo	mas se <i>e/ se souberem de um caso assim, eles encaminham, assim, pra... pra outros lugares, entendeu?</i> (Homem, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)	3 0,96%	304 97,74%	4 1,28%	311 100%
P: Presente do Indicativo A: Presente do Indicativo	<i>se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...</i> (Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)	17 12,14%	121 86,42%	2 1,42%	140 100%
P: Futuro do Subjuntivo A: Futuro Perifrástico	<i>se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade com certeza né.</i> (Mulher, Ensino Fundamental, 07 a 14 anos)	0	71 100%	0	71 100%
P: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo A: Futuro do Pretérito	<i>aí veio e ta/ uma moto saiu da calçada pra entrar na/ na pista... ele tentou desviar e... se ele batesse na moto seria pior...</i> (Mulher, Ensino Superior, 15 a 25 anos)	0	3 4,91%	58 95,08%	61 100%
P: Pretérito Imperfeito do Subjuntivo A: Pretérito Imperfeito do Indicativo	<i>ah eu sou perdida em fazer comida ... é a única profissão que esse eu acho que se eu precisasse eu queria ser... de forno e fogão ... adoro ... pra mim não tem coisa melhor que fazer comida ...</i> (Mulher, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)	0	17 28,81%	42 71,18%	59 100%
Combinações infrequentes	Alguns exemplos: Presente do Indicativo + Futuro perifrástico; Pretérito imperfeito do subjuntivo + IA + Infinitivo; Pretérito imperfeito do subjuntivo + Presente do Indicativo; Pretérito perfeito + Presente do Indicativo; Futuro do Subjuntivo + Futuro do Subjuntivo; Futuro do Subjuntivo + Pretérito Perfeito; Presente do Indicativo + Pretérito Imperfeito do Indicativo;	5 3,31%	99 65,56%	47 31,12%	151 100%
Total	40 combinações	25	615	153	793 sentenças

Fonte: Elaboraões própria

³² Leia P como prótase e A como apódose.

É interessante notarmos o comportamento dessas combinações nesse primeiro levantamento. Temos, na primeira linha, um uso na casa dos 97% de condicionais potenciais formadas pelo futuro do subjuntivo com o presente do indicativo. Em seguida, temos mais de 80% de combinações do presente + presente em sentenças potenciais. O futuro do subjuntivo com o futuro perifrástico aparece somente no contexto do potencial. Notamos, também, que o pretérito imperfeito do subjuntivo na prótase com o futuro do pretérito na apódose se encontra em 95% das condicionais irrealis. Cada combinação parece aqui ter, então, como se fosse um nicho, uma preferência em ocorrer em certos contextos.

Dado o grande leque de combinações modo-temporais e ao maior número de dados, decidimos manter as análises quantitativas para os dados que categorizamos como potenciais. As sentenças reais e irrealis serão, decerto, melhor analisadas em estudos futuros.

5.2 AS SENTENÇAS CONDICIONAIS POTENCIAIS

O *corpus* inicial, desse trabalho, foi composto por 793 sentenças condicionais encabeçadas por *se*. Dentre esses dados, categorizamos 615 como sendo ocorrências no contexto potencial, ou seja, condicionais que repousam na eventualidade da hipótese. Esse grupo de sentenças teve o maior número de combinações modo-temporais, com um total de 40 combinações, como já vimos no mapeamento anteriormente. A partir desse leque grande de alternância verbal, observamos que nas sentenças condicionais no domínio do potencial, tivemos três combinações mais frequentes, que juntas se manifestaram em 496 sentenças dos 615 casos ao todo. Para a análise quantitativa, decidimos então, por rodar no programa essas três combinações modo-temporais, que correspondem ao: *futuro do subjuntivo + presente do indicativo*; *presente do indicativo + presente do indicativo* e *futuro do subjuntivo + futuro perifrástico*. As outras duas combinações, encontradas nos dados potenciais, tiveram apenas 3 e 17 dados, respectivamente, por isso, não foram consideradas para o tratamento estatístico.

³³FUTURO DO SUBJUNTIVO + PRESENTE DO INDICATIVO

(47) ... *se ele **tiver** doente ele não produz...* (PortVix: Homem, Ensino

³³ Em itálico, temos a condicional/prótase e, em sublinhado, destacamos a sentença núcleo/apódose.

Fundamental, acima de 50 anos)

PRESENTE DO INDICATIVO + PRESENTE DO INDICATIVO

- (48) tinha que *se ele **pode** votar com dezesseis ano, ele **pode ser punido por que ele matou.*** (PortVix: (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

FUTURO DO SUBJUNTIVO + FUTURO PERIFRÁSTICO

- (49) Agora, *se **colocar** pessoas lá dentro sem nenhum tratamento, ele vai virar bandido do mesmo jeito, vai continuar bandido, até o fim.* (PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

Cumpramos ressaltar, que o programa escolhido para as análises, o *GoldVarb X*, apenas permite realizar rodadas binárias. Por essa razão, as rodadas que realizamos aconteceu com cada uma das combinações *versus* as outras duas³⁴. A primeira rodada, foi realizada separadamente, com o presente do indicativo + presente do indicativo *versus* o futuro do subjuntivo + presente. Nesse caso, apenas o fator linguístico *posição das sentenças* foi selecionado pelo programa estatístico. Resolvemos, por isso, fazer a rodada de forma que a combinação presente do indicativo + presente do indicativo fosse analisada *versus* às outras duas combinações concomitantemente. Nessa segunda tentativa, o programa selecionou como significativo para as variantes, além da posição/ordem das sentenças, o fator *temporalidade* e *a modalidade*, como veremos mais adiante.

Ilustramos abaixo o comportamento do uso das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais. A maior parte dos dados ocorreu com o futuro do subjuntivo na prótase e presente do indicativo na apódose, com uma frequência de 61%.

³⁴ De acordo com Guy e Zilles (2007), fenômenos linguísticos que possuem mais de duas possibilidades de realização, dada as complicações nas análises ternárias ou enárias a partir do *GoldVarb*, a tendência é, então, diminuir-las a sequências de análises binárias, permitindo ao pesquisador a adoção da metodologia quantitativa.

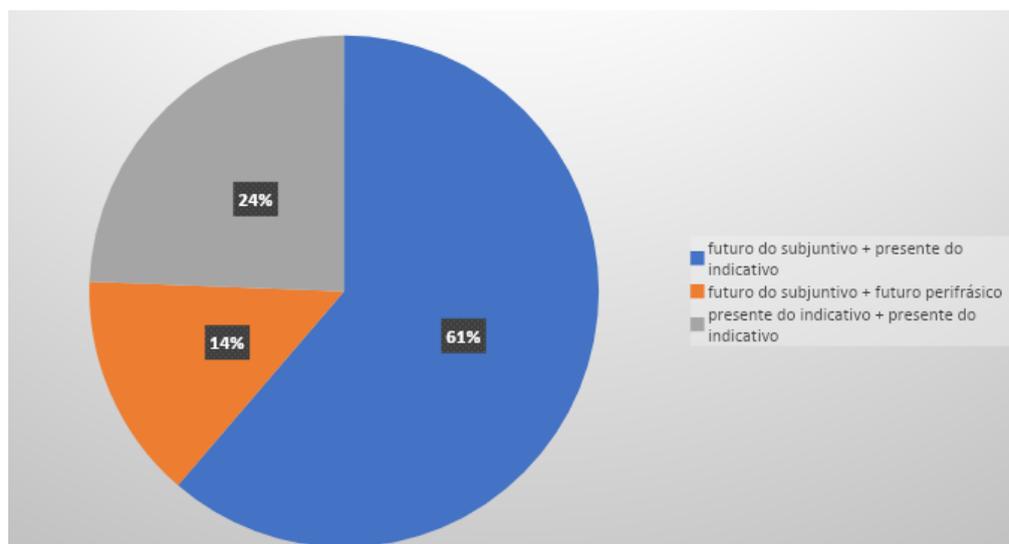
Tabela 1 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais no PortVix

	Futuro do subjuntivo + Presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + Futuro perifrástico	Presente do indicativo + Presente do indicativo
N	304/496	71/496	121/496
%	61.3%	14.3%	24.4%

Fonte: Elaboração Própria

A fim de melhor ainda ilustrar essas frequências e proporções, esses resultados podem ser vistos no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais no PortVix



Fonte: Elaboração Própria

A partir deste mapeamento geral dos dados das sentenças condicionais potenciais mais frequentes, apresentaremos a seguir os resultados dos grupos de fatores averiguados. Começamos com as categorias linguísticas.

5.2.1 Fatores linguísticos

Na distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator ordem das orações, a ordem canônica (se + prótase + apódose) se mostra a mais utilizada independente das três combinações modo-temporais escolhidas.

Tabela 2 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator posição/ordem das sentenças no PortVix

Posição da sentença		Futuro do subjuntivo + Presente do indicativo		Futuro do subjuntivo + Futuro perifrástico		Presente do indicativo + Presente do indicativo	
		N	%	N	%	N	%
Anteposta	N	278/304	91.45%	66/71	92.96%	98/121	80.99%
	%						
Posposta	N	26/304	8.55%	5/71	7.04%	23/121	19.1%
	%						

Fonte: Elaboração Própria

POSIÇÃO ANTEPOSTA/CANÔNICA

(50) *se eu não **liberar** ela a nada, ela vai fazer tudo escondido, entendeu?*

(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 26 a 49 anos)

POSIÇÃO POSPOSTA

(51) *... nosso pastor não aceita ele fala casamento não dá não ... ele não faz ... se a moça **for** católica e o rapaz crente.*

(PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

Ainda acerca desse grupo de fator, verificamos se a escolha de uma determinada posição/ordem, em detrimento de outra, poderia estar influenciando o uso de algumas dessas combinações. No *GoldVarb X*, essa influência pode ser medida por meio do peso relativo, medido por um valor numérico entre 0 e 1.

Como já mencionado previamente, valores acima de 0,5 indicam que determinado grupo de fator favorece o uso da variante. Em contrapartida, um valor abaixo de 0,5, indica que o fator inibe a variante. E é exatamente o que analisamos em nossos dados. O programa estatístico identificou que o uso da posição posposta (nuclear

+ se + condicional) é favorecida quando o falante opta pela combinação do presente do indicativo + presente do indicativo, com o valor exibido na tabela a seguir, de 0,711. Enquanto que a forma anteposta (se + condicional + nuclear) é inibida nesse caso (0,473).

Tabela 3 – Influência do fator posição/ordem das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo

Posição da sentença	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso relativo
Anteposta	98/121	81%	.47
Posposta	23/121	19%	.71

Fonte: Elaboração Própria

O resultado se inverte quando analisamos a combinação do futuro do subjuntivo + presente do indicativo. Aqui, a ordem anteposta/canônica favorece o uso dessa combinação, enquanto a ordem inversa a inibe:

Tabela 4 – Influência do fator ordem das orações na escolha da combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo

Posição da sentença	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso relativo
Anteposta	278/304	91,45%	.51
Posposta	26/304	8,55%	.36

Fonte: Elaboração Própria

Como já foi dito, anteriormente, essa primeira rodada, foi realizada separadamente, em que apenas o fator linguístico *posição das sentenças* foi selecionado estatisticamente relevante pelo programa estatístico. Realizamos, então, outra rodada, de modo que a combinação presente do indicativo + presente do indicativo fosse analisada

versus às outras duas combinações concomitantemente. O primeiro grupo selecionado foi a posição das sentenças, como observaremos nos resultados ilustrados na tabela abaixo.

Tabela 5 – Influência do fator posição/ordem das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico

Posição da Sentença	Presente do indicativo + presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo Futuro do subjuntivo + Futuro perifrástico	Frequência %	Peso
Anteposta	98/442	344/442	442/496 89.1%	.471
Posposta	23/54	31/54	54/496 10.9%	.724
Total	121/496 24.4 %	365/496 75.6%	496 100%	

Fonte: Elaboração Própria

Cabe destacar nesse momento, um outro dado importante no programa GoldVarb X, que é o *grau de significância*. Em que ele é capaz de definir os resultados mais significativos, em que a significância é 0.000 ou a mais próxima disso. Esse grupo de fator posição das sentenças, apresentou o grau de significância 0.003. Ele se mostrou influente para as combinações analisadas em todas as rodadas realizadas.

O segundo grupo de fator que se mostrou significativo, no uso das combinações modo-temporais nas sentenças condicionais potenciais, foi a temporalidade. Nossa hipótese inicial era a de que a atemporalidade se vinculasse com o uso de combinações que continham o presente o indicativo. Já as sentenças temporais, estariam mais relacionadas com os usos do futuro na sentença nuclear/apódose.

TEMPORAIS

- (52) E se ela **sair** dali muitas vezes ela **vai pensar** em regenerar por causa do filho ou vai continuar fazendo porque fazendo mais porque não tem como conseguir (verba) ou trabalhar.

(PortVix: Homem Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

ATEMPORAIS

- (53) *se você não **tem** emprego não **tem** nada você é atendido em hospital tal...* (PortVix: Homem Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

Em nossos resultados, destacamos que as sentenças nucleares/apódose com o uso do presente de indicativo são mais frequentes no uso da atemporalidade. Vejamos, primeiro, o seu comportamento diante das três combinações averiguadas. Das 496 sentenças condicionais potenciais, tivemos uma frequência de quase 76% da marcação de tempo nos dados. Principalmente no uso da combinação futuro do subjuntivo + presente do indicativo. Nos casos de atemporalidade, a predominância é, de fato, em sentenças que possuem o presente do indicativo na nuclear da sentença.

Tabela 6 – O fator temporalidade na escolha das combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo, futuro do subjuntivo + futuro perifrástico e presente do indicativo + presente do indicativo

Posição da Sentença		Futuro do subjuntivo + presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico	Presente do indicativo + presente do indicativo
Atemporais	N	78/120	2/120	40/120
	%	65%	1.7%	33.3%
Temporais	N	226/376	69/376	81/376
	%	60.1%	18.4%	21.5%

Fonte: Elaboração Própria

Na rodada em que colocamos a combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às demais, a temporalidade teve um grau de significância de 0.011, muito significativo para uso desse ocorrência. Na próxima tabela, podemos identificar que as sentenças atemporais incitam o uso dessa combinação frente ao uso das outras, com o peso relativo indicando essa influência (0.61), enquanto as sentenças temporais, aqui nesse caso, estão inibindo a ocorrência da variante, com o peso abaixo de 0.5.

Tabela 7 – Influência do fator temporalidade das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico
Fonte: Elaboração Própria

Posição da sentença	Presente do indicativo + presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico	Freq. %	Peso relativo
Atemporais	40/120	80/120	120/496 24.2%	.642
Temporais	226/376	69/376	295/496 59.5%	.358

Outro fator selecionado significativamente relevante no uso das combinações foi a modalidade. Para essa categoria de análise, nossa hipótese é a de que contextos em que a nuclear/apódose fosse obrigatória ou pré-existente (deôntica e extremo epistêmica), as formas de presente do indicativo seriam as mais frequentes, tanto na condicional/prótase quanto na nuclear/apódose. Por outro lado, em contextos em que tinham uma projeção de eventualidade de a nuclear se concretizar (possibilidade epistêmicas e possibilidade deôntica), a forma mais frequente seria com o uso do futuro do subjuntivo.

EXTREMO EPISTÊMICA

- (54) *se ele **ficar** lá preso mais a mulher tá lá recebendo a mulher dele... a mulher dele não **para** de receber não... você entendeu?...*

(PortVx: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

POSSIBILIDADE EPISTÊMICA

- (55) *Eu acho que se ele **tiver**, se ele **tiver** já um lugarzinho, não precisa pagar aluquel, eu **acho** que **pode** ser também. Eu **acho** que é uma boa.*

(PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

POSSIBILIDADE DEÔNTICA

- (56) *porque se os funcionários da sua firma **tiver** saúde ele tem trabalho... ele **tem** renda ele produz ...*

(PortVix: Homem, Ensino Fundamental, acima de 50 anos)

EXTREMO DEÔNTICA

- (57) *... **é obrigado** além de ter um contrato mais ou menos de vinte e cinco anos ele cobra o pedágio ele **é obrigado** a dar ambulância no tráfego **é obrigado** a dar telefone público se o cara **quiser** parar.*

(PortVix: Homem, Ensino Médio, acima de 50 anos).

Vejamos os resultados diante do uso das três combinações de forma independente:

Tabela 8 – O fator modalidade na escolha das combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo, futuro do subjuntivo + futuro perifrástico e presente do indicativo + presente do indicativo

Modalidade	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico	Presente do indicativo + Presente do indicativo	Freq. %
Extremo epistêmica	217/341 63.6%	48/341 14.1%	76/341 22.3%	341/496 68.8%
Possibilidade deôntica	55/98 56.1%	15/98 15.3%	28/98 28.6%	98/496 19.8%
Extremo deôntica	2/6 33.3%	2/6 33.3%	2/6 33.3%	6/496 1.2%
Possibilidade epistêmica	30/51 58.8%	6/51 11.8%	15/51 29.4%	51/496 10.3%

Fonte: Elaboração Própria

Vemos, que a maior ocorrência de dados, ocorreu com uso da modalidade extremo epistêmica, sentenças categorizadas como tal, quando não tinham outras marcas de modalidade para além do tempo verbal e, também, aquelas ocorrências em que o falante demonstrava certeza sobre a realização do evento. A combinação mais frequente, nesse tipo de modalidade, é o futuro do subjuntivo + presente do indicativo, com 63% de uso. A categoria extremo epistêmica apareceu nas três combinações com o mesmo número de dados. Notamos, também, a baixa frequência da possibilidade epistêmica em dados com o futuro perifrástico na sentença nuclear.

Vejamos agora, o comportamento desse grupo de fator na rodada em que colocamos a combinação presente do indicativo + presente do indicativo sendo analisada *versus* às outras demais combinações. Nessa correlação, apenas a modalidade extremo epistêmica não foi selecionada como significativa no uso da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico. As demais categorias de modalidade exibem valores de peso relativo acima de 0,5, indicando serem influentes nesse uso.

Tabela 9– Influência do fator modalidade das sentenças na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico

Modalidade	Presente do indicativo + Presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico	Freq. %	Peso relativo
Extremo epistêmica	76/341 22.3%	265/341 77.7%	341/496 68.8%	.472
Possibilidade deôntica	28/98 28.6%	70/98 71.4%	98/496 19.8%	.555
Extremo deôntica	2/6 33.3%	4/6 66.7%	6/496 1.2%	.609
Possibilidade epistêmica	15/51 29.4%	36/51 70.6%	51/496 10.3%	.565
Total	121/496 24.4%	375/496 75.6%	496 100%	

Fonte: Elaboração Própria

O último fator linguístico que apresentaremos se trata da definitude do sujeito. Nossa hipótese era de que as formas com o presente do indicativo estariam mais relacionadas com os sujeitos mais genéricos. Já as formas verbais com o uso do subjuntivo, se veiculariam aos sujeitos mais definidos. Na tabela, a totalidade de dados aparece com 447 dados. Isso ocorreu, pois, nesse caso, retiramos os casos em que não havia referência de sujeito³⁵. Na rodada em que analisamos a combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* as demais, podemos perceber que o sujeito mais definido na condicional com o mais genérico na nuclear, foi o que apresentou o peso relativo mais significativo, com 0.62. Outra categoria que influenciou o uso da combinação presente do indicativo + presente do indicativo, foi o sujeito genérico manifestado tanto na condicional como no núcleo da sentença. O sujeito com a

³⁵ Exemplo: se falar não é não... (PortVix: Mulher, Ensino Fundamental, 15 a 25 anos).

referência mais definida foi mais utilizado com formas verbais que continham o futuro subjuntivo.

Tabela 10 – Influência do fator definitude do sujeito na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico

Definitude do sujeito	Presente do indicativo + Presente do indicativo	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico	Freq. %	Peso relativo
Genérico	68/270 25.2%	202/270 74.8%	270/447 60.4%	.525
Genérico + definido	7/53 13.2%	46/53 86.8%	53/447 11.9%	.283
Definido + Genérico	7/21 33.3%	14/21 66.7%	21/447 4.7%	.674
Definido	23/103 22.3%	80/103 77.7%	103/447 23%	.517

Fonte: Elaboração Própria

Nesse momento, vamos para a análise, então, dos fatores extralinguísticos.

5.2.2 Fatores sociais

Em relação aos fatores sociais, destacamos, primeiramente, a distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator faixa etária, organizadas na tabela abaixo.

Tabela 11 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator faixa etária

Faixa Etária	Futuro do subjuntivo + presente do indicativo		Futuro do subjuntivo + futuro perifrástico		Presente do indicativo + presente do indicativo	
		N	30/59	12/59	17/59	
Criança	%	50.8%	20.3%	28.8%		
	N	90/145	23/145	32/145		
Jovem	%	62.1%	15.9%	22.1%		
	N	83/130	25/130	22/130		
Adulto	%	48.1%	19.2%	16.9%		
	N	101/162	11/162	50/162		
Idoso	%	62.3%	6.8%	30.9%		

Fonte: Elaboração Própria

Na escolha pelo uso das combinações modo-temporais, temos uma preferência quase unânime das faixas etárias pela sentença condicional com o futuro do subjuntivo na prótase e o presente do indicativo na apódose. Chama a nossa atenção o baixo percentual na opção pela sentença nuclear/apódose com o futuro perifrástico por parte dos idosos (6.8%). O peso relativo ressalta esse resultado. O grupo dos 50 anos ou mais é o único que inibe o uso da combinação com a perífrase na apódose:

Tabela 12 – Influência do fator idade na escolha da combinação futuro do subjuntivo + futuro perifrástico

Faixa etária	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Criança	12/71	16.90%	.62
Jovem	23/71	32.40%	.55
Adulto	25/71	35.21%	.61
Idoso	11/71	15.49%	.32

Fonte: Elaboração Própria

Observamos também, que as faixas etárias dos extremos (crianças e idosos) são bastante significativas no favorecimento do uso da combinação modo-temporal presente do indicativo + presente do indicativo. Como identificamos na tabela 6, ambos com

valores acima de 0,5:

Tabela 13 – Influência do fator idade na escolha da combinação presente do indicativo + presente do indicativo

Faixa etária	Aplicação/Total	Frequência (%)	Peso Relativo
Criança	17/121	14.05%	.57
Jovem	32/121	26.44%	.47
Adulto	22/121	18.18%	.38
Idoso	50/121	41.33%	.59

Fonte: Elaboração Própria

A rodada do grupo de fator escolaridade, composto pelos três níveis de ensino, mostrou um comportamento bem uniforme entre as três combinações mais frequentes das condicionais potenciais. O futuro do subjuntivo com o presente é a forma mais utilizada pelos falantes de todos as escolaridade. Sendo que, no grupo do ensino médio, a frequência fica a mais alta, com 64% de uso.

Tabela 14 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator escolaridade

Escolaridade		Futuro do subjuntivo	Futuro do subjuntivo	Presente do indicativo
		+ presente do indicativo	+ futuro perifrástico	+ presente do indicativo
Superior	N	78/131	20/131	33/131
	%	59.5%	15.3%	25.2%
Médio	N	73/114	13/114	28/114
	%	64%	11.4%	24.6%
Fundamental	N	153/251	38/251	60/251
	%	61%	15.1%	23.9%

Fonte: Elaboração Própria

Por fim, ainda dentro do campo social, temos o uso das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator sexo. Não há, até o momento, estudos que evidenciem o fenômeno da alternância verbal e o correlacionem

com o sexo dos informantes. Em nossos dados, referentes às sentenças condicionais potenciais, tivemos uma quantidade muito equilibrada de dados (272 por homens/224 por mulheres). E o comportamento de ambos os sexos se mostra muito parecido no uso das três combinações:

Tabela 15 – Distribuição das combinações mais frequentes nas sentenças condicionais potenciais em relação ao fator sexo

Sexo		Futuro do subjuntivo	Futuro do subjuntivo	Presente do indicativo
		+ presente do indicativo	+ futuro perifrástico	+ presente do indicativo
Homem	N	165/272	42/272	65/272
	%	60.7%	15.4%	23.9%
Mulher	N	139/224	29/224	56/224
	%	62.1%	12.9%	25.0%

Fonte: Elaboração Própria

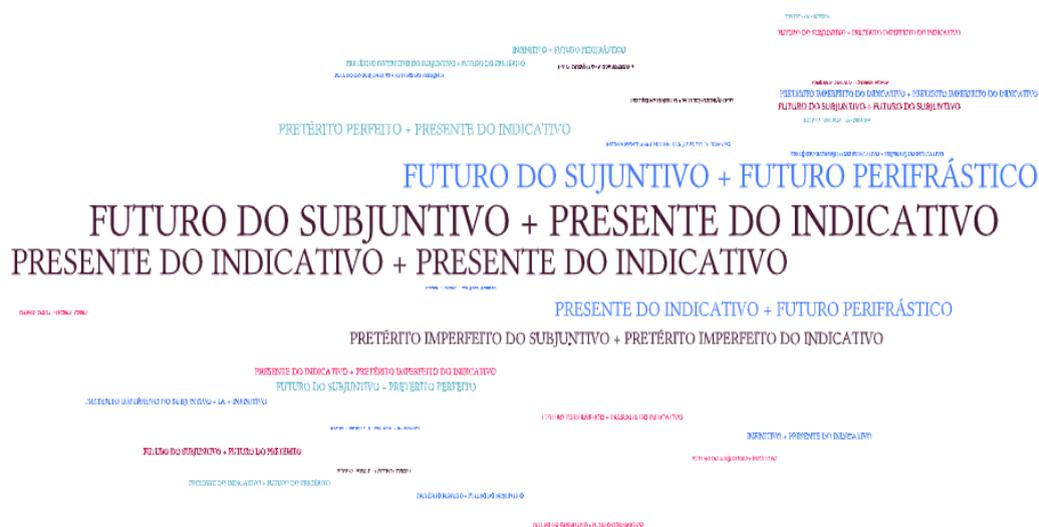
Ademais, fizemos também o controle dos itens lexicais verbais que os falantes fizeram uso nas sentenças condicionais potenciais iniciadas por *se* no *corpus* do PortVix. Como não era nossa pretensão fazer algum tipo de análise quantitativa para essa categoria, apresentaremos essa utilização dos verbos por meio de nuvens de palavras. Assim, tanto o tamanho como também a espessura das palavras, indicam a frequência em que elas foram utilizadas pelos falantes. Quanto maior e mais forte a palavra na nuvem, mais ocorrências tiveram. Antes de exibirmos os verbos, veremos as combinações modo-temporais e o seu comportamento diante dos contextos do real, potencial e irreal.

Figura 1 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais reais iniciadas por *se* do PortVix



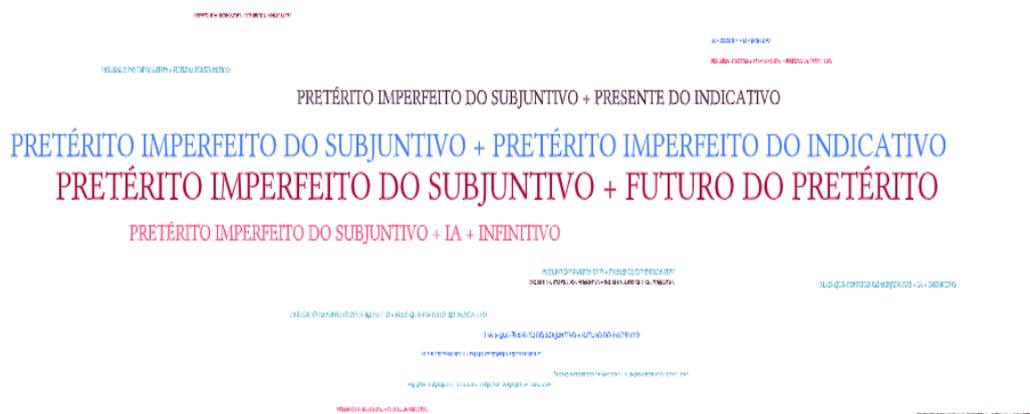
Fonte: Elaboração Própria

Figura 2 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais potenciais iniciadas por *se* do PortVix



Fonte: Elaboração Própria

Figura 3 – Representação do uso das combinações modo-temporais em sentenças condicionais irrealis iniciadas por *se* do PortVix



Fonte: Elaboração Própria

Destacamos, na primeira figura, que, nas sentenças condicionais reais iniciadas por *se* coletadas na fala oral capixaba, houve, de fato, um número de combinação muito menor que nos demais contextos (potencial e irreal). A combinação modo-temporal que se mostra mais evidente é o presente do indicativo + presente do indicativo, que teve o maior número de dados dentro das consideradas reais. Em todas as combinações, no âmbito do *realis*, o presente do indicativo é selecionado, seja na condicional, seja na sentença nuclear. Como vimos na gênese desse estudo, os tempos entre a condicional e a nuclear em uma sentença real tende a ocorrer de forma simultânea. Para Corôa (2005), o tempo presente pode ser visualizado sem uma duração que separe o passado e o futuro. Isso pode explicar, então, o ninho da combinação presente do indicativo + presente do indicativo estar tão imbricado às sentenças condicionais reais iniciadas por *se* dentro do *corpus* estudado.

Já na segunda figura, percebemos um número muito superior de combinações, exibindo na nuvem com uma grande diversidade de formas verbais escolhidas pelos falantes dentro do contexto das potenciais. Como também já abordamos, as sentenças no contexto potencial são as mais comuns de ocorrerem. Com isso, é de esperar que o leque de combinações modo-temporais seja maior no interior desse âmbito. Por último,

pelo efeito dos itens lexicais, controlou a identidade lexical dos verbos das sentenças condicionais encabeçadas por ser. Dentre os seus resultados, os verbos mais frequentes se exibiram também como os mais frequentes em todas as combinações, salva algumas exceções. Os verbos destacados nos exemplos de dados de fala registrados acima, se mostraram frequentes como visto nas nuvens de palavras, em todas as três combinações modo-temporais mais frequentes das sentenças potenciais.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

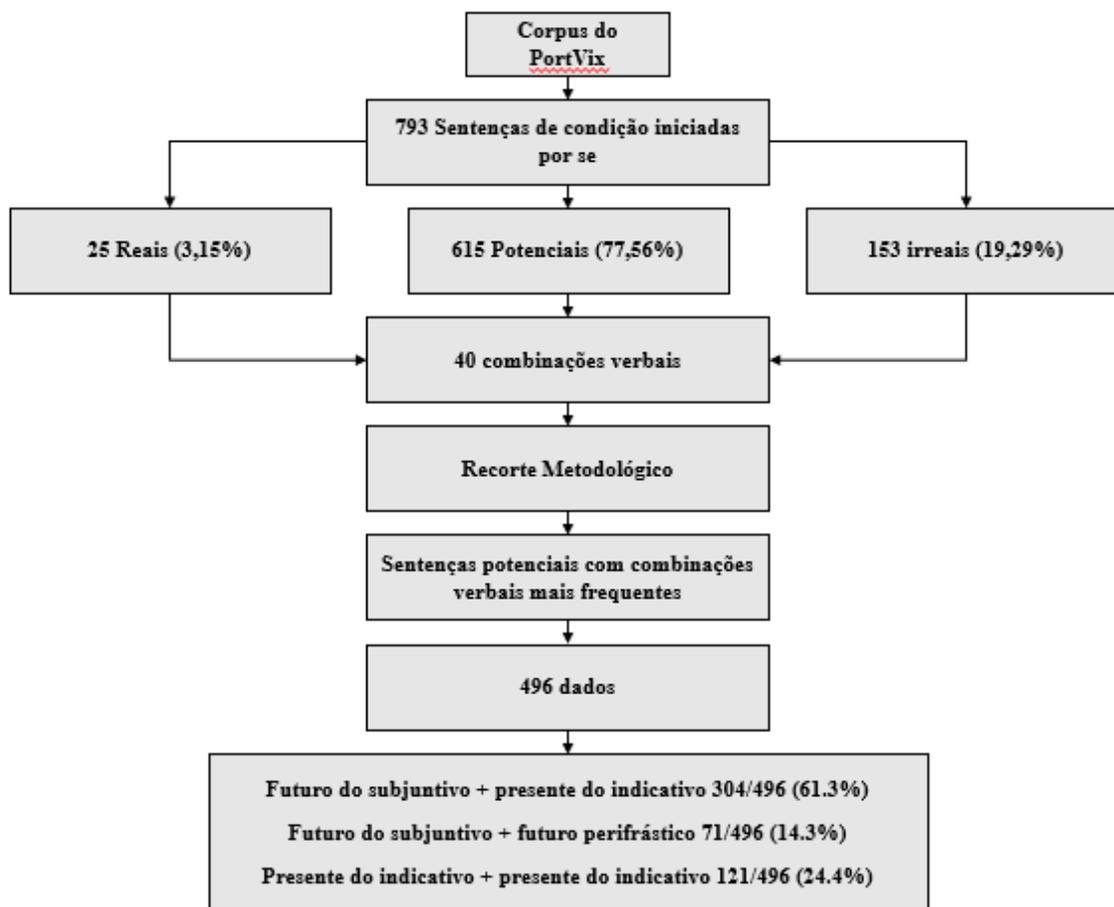
Labov (2008 [1972])

Neste estudo, investigamos as combinações modo-temporais que ocorrem por meio das articulações das formas verbais na sentença condicional/prótase e a sentença nuclear/apódose de sentenças condicionais iniciadas por *se* nos contextos do real, potencial e irreal, na fala da cidade de Vitória/ES. Ancorando-nos, principalmente, na Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), fizemos um levantamento das sentenças condicionais empregadas nas modalidades do real, potencial e irreal, encabeçadas pela conjunção *se* no banco de dados capixaba PortVix. O *corpus* inicial desse trabalho se deu a com 793 sentenças condicionais encabeçadas por *se*. Dentre essas sentenças, classificamos 25 reais, 615 potenciais e 153 sentenças irrealis. Logo, 77,56% dos dados foram, portanto, no âmbito do potencial. Decidimos, pois, manter as nossas análises quantitativas nas sentenças que categorizamos como potenciais.

Nessas sentenças condicionais no domínio do potencial, tivemos três combinações mais frequentes, que, juntas, se manifestaram em 496 sentenças dos 615 casos ao todo. Para a análise quantitativa, resolvemos, então, averiguar as três combinações modo-temporais mais frequentes nos dados de sentenças condicionais potenciais, que corresponderam ao: Futuro do subjuntivo + presente do indicativo (*se souberem de um caso assim, eles encaminham, assim, pra... pra outros lugares, entendeu?*); presente do indicativo + presente do indicativo (*se minha mãe não sabe eu pergunto meu pai...*) e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico (*se eu evitar de comer doce eu vou sentir vontade com certeza né*).

Os resultados gerais podem ser melhor ilustrados na figura a seguir:

Figura 10 – Representação dos resultados dos dados gerais



Fonte: Elaboração Própria

Analisamos os grupos de fatores posição das sentenças; temporalidade; modalidade; definitude do sujeito; faixa etária; sexo e escolaridade em relação às combinações modo-temporais coletadas. O programa estatístico escolhido para as análises foi o *GoldVarb X*.

Dentre os nossos principais resultados, observamos que a maior parte dos dados (61%) ocorreu com o futuro do subjuntivo na condicional e o presente do indicativo na sentença nuclear. Na distribuição das combinações mais frequentes em relação ao fator posição das sentenças, a posição anteposta (se + condicional+ nuclear) foi a mais utilizada independente das três combinações modo-temporais escolhidas. O uso da posição posposta (nuclear + se + condicional) foi favorecida quando o falante usou a combinação do presente do indicativo + presente do indicativo. O resultado foi ao contrário quando analisamos a combinação do futuro do subjuntivo + presente do

indicativo. Nesse caso, a ordem anteposta favoreceu o uso dessa combinação, enquanto a ordem inversa a inibiu. Notamos também, que houve um baixo percentual na escolha pela apódose com o futuro perifrástico por parte dos idosos (6.8%). O peso relativo ressaltou esse resultado, sendo o grupo dos 50 anos ou mais, o único que inibiu o uso da combinação com o a perífrase na apódose.

Em relação ao grau de significância, medida do *GoldVarb X* capaz de definir os resultados mais significativos, em que a significância é 0.000 ou a mais próxima disso, o grupo de fator posição das sentenças, apresentou o grau de significância 0.003. Ele se mostrou influente para as combinações analisadas em todas as rodadas que foram realizadas.

Outro grupo de fator que se mostrou significativo, no uso das combinações modo-temporais nas sentenças condicionais potenciais, foi a temporalidade. Partimos da hipótese de que a atemporalidade se vincularia com o uso de combinações que continham o presente o indicativo. Já as sentenças temporais, estariam mais intrínsecas aos usos do futuro na sentença nuclear/apódose. Em nossos resultados, vimos que as sentenças nucleares/apódose com o uso do presente de indicativo são as mais frequentes no uso da atemporalidade. Dentre as 496 sentenças condicionais potenciais, obtivemos uma frequência de quase 76% da marcação de tempo nas sentenças. Nos casos de atemporalidade, a predominância foi em sentenças que possuem o presente do indicativo na nuclear da sentença.

Na rodada em que analisamos a combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* as demais, a temporalidade se mostrou com um grau de significância de 0.011, muito significativo para esse uso. Observamos que as sentenças atemporais favorecem o uso dessa combinação frente ao uso das outras, com o peso relativo indicando essa influência (0.61), enquanto as sentenças temporais, inibiram a ocorrência da variante, com o peso abaixo de 0.5.

O terceiro fator linguístico, selecionado significamente relevante no uso das combinações, foi a modalidade. A nossa hipótese inicial era a de que contextos em que a nuclear/apódose fosse obrigatória ou pré-existente, como em casos de deôntica e extremo epistêmica, as formas de presente do indicativo seriam as mais frequentes, tanto na condicional/prótase quanto na nuclear/apódose. Enquanto isso, em contextos em que haviam uma projeção de eventualidade de a nuclear se concretizar, como na possibilidade epistêmica e na possibilidade deôntica, a forma mais frequente seria com o uso do futuro do subjuntivo. Notamos que a maior ocorrência de dados aconteceu com

uso da modalidade extremo epistêmica - sentenças que não tinham outras marcas de modalidade para além do tempo verbal e, também, aquelas ocorrências em que o falante mostrava certeza sobre a realização do evento -. A combinação mais frequente nesse tipo de modalidade foi o futuro do subjuntivo + presente do indicativo, com 63% de uso. A categoria extrema epistêmica se apresentou nas três combinações com o mesmo número de dados.

Na correlação desse grupo de fator na rodada com a combinação presente do indicativo + presente do indicativo sendo analisada *versus* às outras demais combinações, apenas a modalidade extrema epistêmica não foi selecionada como significante no uso da combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* às combinações futuro do subjuntivo + presente do indicativo e futuro do subjuntivo + futuro perifrástico. As demais categorias de modalidade exibem valores de peso relativo acima de 0,5, indicando serem influentes nesse caso.

Com relação à definitude do sujeito, supúnhamos que as formas com o presente do indicativo estariam mais relacionadas com os sujeitos mais genéricos. Já as formas verbais com o uso do subjuntivo, se veiculariam aos sujeitos mais definidos. Na rodada em que foi analisado a combinação presente do indicativo + presente do indicativo *versus* as demais, podemos perceber que o sujeito mais definido na condicional com o mais genérico na nuclear, foi o que apresentou o peso relativo mais significativo, com 0.62. Outra categoria que vimos que influenciou no uso da combinação presente do indicativo + presente do indicativo, foi o sujeito genérico expresso tanto na condicional como no núcleo da sentença. O sujeito com a referência mais definida foi mais frequente com formas verbais em que haviam o futuro subjuntivo.

É de nosso interesse, pois, continuar os estudos agora analisando, no programa estatístico, as sentenças pertencentes ao real e irreal. Também sentimos a necessidade, durante as análises, de analisar os áudios das gravações, para além da análise das entrevistas transcritas. Nos poderia ajudar, por exemplo, nas análises acerca de modalidade, em que saber a entonação usada pelo falante, por exemplo, pode nos revelar outras diferentes nuances semânticas. Isso fará parte de nossos trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

ABRAÇADO, Jussara. **O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações.** São Paulo: Contexto, 2020.

ARAUJO, Andréia Silva. **Você me faria um favor?** o futuro do pretérito e a expressão de polidez. 2014, 113 f. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2b8ee6274feb4_302fd49_44957_d1217e71. Acesso em: 01 dez. 2021.

AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português.** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

BARBOSA, Tatiane Alves Maciel. **A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala Uberlandense.** Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15492>. Acesso em: 01 de fev. 2021.

BARONI, Gabriela do Couto; RODRIGUES, Violeta Virginia. Insubordinação: uma proposta funcionalista para o estudo de (des)articulação de cláusulas. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 285-310, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em: 26 ago. 2022

BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz et al. **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2019, p. 121-140.

BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição de. Orações de tempo, causa e condição ao longo dos séculos XVIII a XXI. In: **História do português brasileiro: mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista.** Coord: CASTILHO, Ataliba T. de – São Paulo: Contexto, 2019.

BRANDÃO, S. M. Variável faixa etária – índice de pressão social e/ou mudança em curso?. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 1, 2018.

BRANDÃO, Sílvia Maria. **Alternância verbal em construções condicionais - um fenômeno variável?**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, São Paulo, 2018. Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/4521.pdf. Acesso em: 04 de ago. 2019.

BRANDÃO, Sílvia Maria. **Variação em Formas Verbais: um estudo sociolinguístico da alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no português paulista.** 2015. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138994/000865180.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 maio 2020.

BRANDÃO, Sílvia Maria. **Mudança do quadro verbal brasileiro em sentenças condicionais**: contribuições à Sociolinguística Histórica. 2022. 323 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Faculdade de Ciências e Letras, - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, 2022.

BRITO, Nara Jaqueline Avelar. **A expressão do condicionado contrafactual em construções se p, então q no português brasileiro**. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16316>. Acesso em: 15 de fev. 2021.

BROWN, P. e LEVINSON, S (orgs). **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge, University Press. 1987.

BYBEE, Joan. Uma perspectiva da língua baseada no uso. *In: ____*. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016, p. 17-34

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al. Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 141-156.

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. *In: CHAFE, W.L. (Ed.) The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. A Teoria da Variação e Mudança Linguística. *In: Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Ana Lúcia dos P. **A variação entre formas de futuro do pretérito e do pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1997. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3074/1/615555.pdf>. Acesso em: 14 de fev. 2021.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

DIAS, Flávia Maurícia Pereira de Carvalho. **Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/CE**: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação da eventualidade em construções condicionais. 2007. 126f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8768>. Acesso em: 15 de fev. 2021.

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122962/85298>. Acesso em: 19 de set. 2022.

ESCANDELL, M. Victoria. **Introducción a la Pragmática**. Editorial Ariel. Barcelona, 1996.

FORD, Cecilia E. Speaking conditionally: Some contexts for if-clauses in conversation. In : Angeliki Athanasiadou, René Dirven, (org). **On Conditionals Again**. Amsterdã / Filadélfia, John Benjamins, 1997, p. 387-413.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Uma forma verbal portuguesa: estudo estilístico gramatical**. Rio de Janeiro, 1956.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.

CEZARIO, M. M; MARQUES, P. M. Sociofuncionalismo. In.: MOLLICA, Maria Cecília, FERRAREZI JUNIOR, Celso (org). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 45-61.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018, p. 141-156.

COAN, Márluce et al. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Estudos Linguísticos XXXV**, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26031/1/2006_art_mcoan.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.

CORÔA, M.L.S. **O tempo nos verbos no português**. São Paulo: Parábola editorial, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CESÁRIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 4, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/09/160-198-Evolu%C3%A7%C3%A3o-dos-estudos-lingu%C3%ADsticos.pdf>. Acesso em: 18 de dez. 2022.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”**. Scripta (Linguística e Filologia), Belo Horizonte, MG, v.2, n.4, 1999, p. 23-28.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. **Estruturas desgarradas em língua portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento et al. **Desgarramento, subordinação discursiva e insubordinação: abordagens funcionalistas**. 1. Ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

DIAS, Flávia Maurícia Pereira de Carvalho. **Variação e funcionalidade modo-temporal no português oral de Fortaleza/CE: futuro do pretérito versus pretérito imperfeito na codificação da eventualidade em construções condicionais**. 2007. 126f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8768>. Acesso em: 11 abr. 2021.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*. **Palo Alto**, n. 41, p. 87-100, 2012.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). **Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FERREIRA, Vanessa Pernas; RODRIGUES, Violeta Virginia. Uso(s) das orações condicionais. In: RODRIGUES, V. V. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

FREITAG, Raquel Meister Ko; ARAUJO, Andréia Silva. Passado condicional no português: Formas e contextos de uso. **CALIGRAMA**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 199-228, 2011. Disponível em: <http://www.Periodicos.letras.ufmg.r/index.php/caligrama/article/view/1624/1827>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**. New York. Pantheon Books. 1982.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Boston Northeastern Univ. Press. 1986.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis. Vozes. 1985.

GONÇALVES, Danndara Wagmaker. Implicatura e polidez: um estudo das tiras "mulher de 30". In: LINS, Maria da Penha (org.). **Implicaturas em gêneros textuais**. Vitória. UFES-PPGEL. 2019.

GREEN, Geórgia H. **Pragmatics and a natural language understanding**. New Jersey. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1996.

GONÇALVES, Danndara Wagmaker. Implicatura e polidez: um estudo das tiras "mulher de 30". In: LINS, Maria da Penha (org). **Implicaturas em gêneros textuais**. Vitória. UFES-PPGEL. 2019.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**. New York. Pantheon Books. 1982.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis**. Boston Northeastern Univ. Press. 1986.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis. Vozes. 1985.

GRICE, H. P. lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org). **Fundamentos metodológicos da Lingüística**. V.4. Pragmática. Campinas, UNICAMP. 1982.

GRYNER, Helena. Variação e iconicidade: a representação morfossintática de uma hierarquia semântica. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v.7, n.2, p.139-160, jul./dez. 1998. Disponível em: >[http://www.Periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article /view/2299](http://www.Periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2299). Acesso em: 03 ago. 2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HIRATA-VALE, Flávia Bezerra de Menezes. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos linguísticos**: São Paulo. 46 (1): p. 83-97, 2017.

KARAM, Lenara M. **A variação entre o futuro do pretérito, o imperfeito e a perífrase com o verbo ir na fala do RS**. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, UFRGS, 2000.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. v. 26. São Paulo, Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso.

LAKOFF, Robin. **Language and Woman's Place**. Language in Society, Vol. 2, No. 1 pp. 45-80, 1973.

LEECH, G. N. (2014). **A Pragmática da Polidez**. Jericó: Oxford University Press, 2014.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *In.: Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127-140.

LEÃO, Angela Vaz. **O período hipotético iniciado por se**. Belo Horizonte: UFMG, 1961.

MARTINS, A. Funcionalismo Linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Lingu@gem**, v. 3, n. 2, p. 18-35, 2 fev. 2011.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 6 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MODESTO, Artaxerxes T. T. Resgatando a polêmica: os limites da teoria variacionista. **Revista de Letras**, v. 1, n. 26, p. 57-59, jan/dez. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2266/0>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

NEVES, M. H. M. **A gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Ed. Unesp, 2018.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 8ª. ed. São Paulo: Contexto, 2018 [2006].

NEVES, M.H.M. As construções condicionais. In: NEVES, M.H.M. (org) **Gramática do Português Falado**. Vol. VII: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p.497-544.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. **A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos**. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística; Literatura Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/485>. Acesso em: 01 de mar. 2021.

OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. **A variação, na apótese, entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em contextos hipotéticos na fala de alagoanos**: as categorias semântico-discursivas de tempo, aspecto e modalidade. 2016. 151 f. Tese (Doutorado em Letras: Linguística) - Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2128>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

OLIVEIRA, T. P. de. Polidez e linguagem: perspectivas. **Signótica**, 16(2), 2004, 271-288.

OLIVEIRA, T. P. de. Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das estratégias comunicativas das condicionais. **Alfa**, São Paulo 49(1): 123-137, 2005.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: A mudança lingüística em curso. In: **Mudança lingüística em tempo real**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 13-30.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. Org.: Mollica, M.C.; JUNIOR, C.F. et al. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortex Editora, 2004, p. 165-217.

REYES, Graciela. **La pragmática lingüística**. Barcelona. Montesinos. 1994.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. ed. 49. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Subordinação adverbial ou hipotaxe circunstancial?. *In*: RODRIGUES, V. V. (org.). **Articulação de orações: pesquisa e ensino**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

RODRIGUES, Violeta Virginia. **Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?** São Paulo: Blucher, 2021.

RODRIGUES, Violeta Virginia; BARONI, Gabriela do Couto. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Macapá**, v.11, n.1, 1º sem., 2021.

SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenegildo. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. Tese de doutorado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, 2015.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A. & SMITH, E. **Goldvarb X – A multivariate analysis application**. Toronto: Departamento of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005

SCARDUA, Juliana Rangel; LAUAR, Aline Berbert Tomaz F. A sociolinguística variacionista na linguística. *In*: **O lugar na linguística – Percurso de uma (r)evolução** PPGEL-UFES, Vitória, 2019.

SANTOS, Aline da Silva. **A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito no português falado em Feira de Santana-BA**. Feira de Santana, UEFS, 2014. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2fjU-ZN8T38aDBzb2E0UTVZSjA/view>. Acesso em: 20 de fev. 2021.

SILVA, Tereza S. da. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis**. Florianópolis, UFSC, 1998. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/78035>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

SOUSA, Fernanda Cunha. **A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na expressão da hipótese**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3402>. Acesso em: 10 de jan. 2021.

SPERBER, Dan e WILSON, Deidre. **Relevance: communication and cognition**. Oxford, Blackwell Publishers. 1995.

STALNAKER, Richard. Pragmatics. **Synthese**, v. 22, 1970.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Série Princípios, 1986.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TESCH, L. M. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. 2011. 192 f. Tese (doutorado em linguística) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIANA, L. S. **A condicional se na fala capixaba: Um estudo variacionista da alternância verbal**. Vitória, UFES, 2020. Relatório final de Iniciação Científica.

VIANA, L. S. **Mapeamento das formas verbais em construções condicionais na fala da cidade de Vitória/ES**. Orientadora: Dr^a. Leila Maria Tesch. 2021. 68f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Português, Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2021.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola EDITORIAL, 2002. pp. 21-101.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

WILSON, Victoria. Motivações pragmáticas. In: MARTELOTTA (org). **Manual de linguística**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

YACOVENCO, Lilian C.; SCHERRE, Maria Marta P.; TESCH, Leila M.; BRAGANÇA, Marcela L.; EVANGELISTA, Elaine M.; MENDONÇA, Alexandre K. de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid F.; BASÍLIO, Jucilene O. S.; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo, SILVA; Janaína B. da, BERBERT; Aline T. F.; BENFICA, Samine de A. Projeto PortVix: a fala de Vitória/es em cena. **Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online)**, v.56, p.771 - 806, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4946/4361>. Acesso em 16 maio 2020.

YACOVENCO, Lilian C. O projeto “O português falado na cidade de Vitória”: coleta de dados. In: LINS, M. da P.; YACOVENCO, L. C. (Org.). **Caminhos em linguística**. Vitória: Nuples: DLL: Ufes, 2002, p. 102-111.